



Fernando Manuel Silva Parente **Oferta e procura desportiva dos estudantes do ensino superior - Estudo realizado com os alunos do 1o ano da Universidade do Minho**

UMinho | 2011



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Fernando Manuel Silva Parente

**Oferta e procura desportiva dos
estudantes do ensino superior
- Estudo realizado com os alunos do
1o ano da Universidade do Minho**

Outubro de 2011



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Fernando Manuel Silva Parente

**Oferta e procura desportiva dos
estudantes do ensino superior
- Estudo realizado com os alunos do
1o ano da Universidade do Minho**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Estudos da Criança
Área de Especialização em Educação Física e Lazer

Trabalho realizado sob a orientação da
**Professora Doutora Maria Beatriz Ferreira
Leite Oliveira Pereira**

Outubro de 2011

Declaração

Nome: Fernando Manuel Silva Parente

Endereço electrónico: parente@sas.uminho.pt Telefone: 252065932

Número do Bilhete de identidade: 8066780

Título da tese de mestrado: **Oferta e procura desportiva dos estudantes do ensino superior - Estudo realizado com os alunos do 1º ano da Universidade do Minho**

Orientadora: Professora Doutora Maria Beatriz Ferreira Leite Oliveira Pereira

Ano de conclusão: 2011

Designação do Mestrado: Mestrado em Estudos da Criança Área de Especialização em Educação Física e Lazer

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE.

Universidade do Minho ___/___/___

Assinatura_____

para todos aqueles que mantêm viva

a chama do desporto universitário

Agradecimentos

Sempre foi meu objetivo agradecer de forma escrita e num documento que perdurasse para a eternidade sobre as pessoas que ajudaram a fazer de mim aquilo que sou em termos profissionais e pessoais. Desta forma, aproveito agora esta página da minha tese de mestrado para lembrar os que me ensinaram a gostar de desporto e em particular de desporto em ambiente escolar. Assim, não poderei deixar de lembrar o Professor Francisco Cruz nas etapas iniciais de formação desportiva na Covilhã, o Professor José Roque Valentim na Opção de Desporto da Escola Secundária Frei Heitor Pinto e o Professor José Pedro Sarmento na Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, este último, que me motivou e me ensinou a gostar daquilo de que hoje faço a minha profissão: O desporto universitário.

É claro que este caminho não se faz sozinho e tive a sorte de encontrar sempre nos grupos a que pertenci uma fantástica atmosfera de companheirismo e amizade. Aos meus colegas do ensino secundário, da faculdade e de trabalho nos Serviços de Ação Social da Universidade do Minho o meu obrigado pelo apoio que sempre senti no desenvolvimento das minhas atividades académicas e profissionais.

Queria deixar um agradecimento muito especial à Professora Doutora Maria Beatriz Pereira por ter aceitado a orientação deste trabalho, pela paciência e principalmente por ter acreditado que se poderia concluir com êxito esta missão.

Finalmente uma palavra mais do que especial a toda a minha família, particularmente aos meus Pais, à minha mulher e às minhas duas filhas pelo conforto diário de saber que existem, que me motivam e alegam perante qualquer dificuldade ou contrariedade e que fazem com que a vida tenha efetivamente sentido.

A todos...

...bem hajam

Resumo

Autor: Fernando Manuel Silva Parente

Título: Oferta e procura desportiva dos estudantes do ensino superior - Estudo realizado com os alunos do 1º ano da Universidade do Minho

Data: outubro de 2011

Orientação: Professora Doutora Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira

Tese de Mestrado em Estudos da Criança, Área de Especialização em Educação Física e Lazer

Universidade do Minho, Instituto de Educação

Os benefícios da atividade física e do desporto são hoje universalmente reconhecidos para um desenvolvimento equilibrado e integral do indivíduo. A integração curricular ou extracurricular da atividade desportiva nos programas académicos dos Estabelecimentos de Ensino Superior é considerada como um fator importante para a obtenção de sucesso académico e criação de competências para o resto da vida. Existe, no entanto, um problema de oferta e de procura que urge ser conhecido e adequado para viabilizar programas de prática de atividade física e desportiva que cheguem a um maior número de estudantes universitários. O número de indivíduos envolvidos na prática de atividade física e desporto, nomeadamente de forma sistemática e regular, é ainda insuficiente, encontrando-se longe dos valores recomendados e desejáveis. A adequação da oferta à procura e as experiências anteriores parecem constituir um fator central e determinante no envolvimento e adesão a estas práticas.

Este estudo pretende dar a conhecer as práticas desportivas e de atividade física anteriores à entrada para a Universidade, assim como, o âmbito e nível em que foram ou são ainda desenvolvidas; conhecer as preferências e motivações dos estudantes que são admitidos na Universidade do Minho pela primeira vez; avaliar as diferenças/desvios de práticas anteriores e preferências em função do género, idade, área de estudo, local de proveniência e classificação de entrada na universidade; e determinar cenários futuros, propondo a adequação da oferta do programa de atividades à procura existente com o intuito de aumentar a taxa de participação desportiva na Universidade do Minho.

Como principais resultados observados, constatamos que existe uma relação de continuidade entre as práticas desportivas anteriores à entrada para o Ensino Superior e os desejos de prática na Universidade do Minho; que os desportistas federados e de recreação revelam uma maior tendência para continuar essa prática no Ensino Superior; que não existem diferenças estatisticamente significativas na relação entre o rendimento académico e o tipo de prática desportiva; que o tempo de treino não influencia o rendimento escolar dos sujeitos do género feminino; e que existem diferenças marginalmente significativas, dados os valores médios serem mais elevados nos sujeitos masculinos com mais tempo de atividade física semanal.

Palavras-chave: desporto universitário, procura desportiva, oferta desportiva

Abstratct

Author: Fernando Manuel Silva Parente

Title: Sports supply and demand of higher education students – A study conducted with students in 1st year at the University of Minho

Date: October 2011

Supervisor: Professora Doutora Maria Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira

Thesis dissertation in Child`s Studies Specialization Area: Physical Education and Leisure

University of Minho, Institute of Education

The benefits of physical activity and sport are now universally recognized for a balanced and integral development of the individual. The integration of curricular or extracurricular physical and sports activity in the academic programs of higher education institutions is considered an important factor in achieving academic success and building life skills. There is, however, a problem of supply and demand that should be known and adapted in order to enable physical and sport activity programs to reach a greater number of university students. The number of individuals involved in physical activity and sport, particularly in a systematic and regular form, is still insufficient, and is far from the recommended and desirable figures. The adequacy of supply to demand and past experience seem to be a central and determining factor in the involvement and adherence to these practices.

This study intends to show the practice of sport and physical activity prior to entry to the University, as well as the scope and level in which they were developed or still are; to know the preferences and motivations of students who come to the University of Minho for the first time; evaluate the differences / deviations from past practices and preferences by gender, age, area of study, place of origin and classification of entry into the University; and determine future scenarios, suggesting the adequacy of the activities program offered in line with demand in order to increase the rate of participation in sport at the University of Minho.

The main results observed, we found that there is a continuity between sport practices prior to entry to University and the desire to practice at the University of Minho; the federated and recreation sportspeople show a greater tendency to continue this practice in Higher Education;

there are no statistically significant differences in the relationship between academic performance and type of sport; the training time does not influence the academic performance of female subjects; and that there are marginally significant differences given higher mean values of male subjects with more time of physical activity weekly.

Keywords: university sports, sports demand, sports supply

Resumé

Auteur: Fernando Manuel Silva Parente

Titre: Offre et demande d'étudiants sportifs dans l'enseignement supérieur - Une étude accomplie avec des étudiants en 1ère année à l'université de Minho

Date: outubro de 2011

Superviseurs: Professora Doutora Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira

Thèse de maîtrise en études des enfants, spécialisation en éducation physique et des loisirs
Université de Minho, Institute de l'Education.

Les bienfaits de l'activité physique et du sport sont aujourd'hui universellement reconnus pour assurer un développement équilibré et intégral de l'individu. L'intégration curriculaire ou extracurriculaire de l'activité physique et sportive dans les programmes académiques des Etablissements d'Enseignement Supérieur, est considérée un facteur important pour l'obtention du succès académique et la création de compétences pour le reste de la vie.

Il y a, néanmoins, un problème d'offre et de demande et il est urgent de le faire connaître et de l'adapter pour rendre viable les programmes de pratique de l'activité physique et sportive et permettre qu'ils soient accessibles à un plus grand nombre d'étudiants universitaires. Le nombre d'individus concernés par la pratique d'une activité physique et d'un sport, notamment d'une forme systématique et régulière, est bien insuffisante, on est encore loin des valeurs recommandées et souhaitables. L'adéquation de l'offre à la demande et les expériences antérieures paraissent constituer un facteur central et déterminant dans l'engagement et l'adhésion à ces pratiques.

Cette étude prétend faire connaître les pratiques sportives et l'activité physique antérieures à l'entrée à l'université, ainsi que la finalité et le niveau déjà atteint avant ou celles qui sont encore pratiquées ; connaître les préférences et les motivations des étudiants qui arrivent à l'Universidade do Minho évaluer les différences/déviations de pratiques antérieures et préférences en fonction du genre, âge, domaine d'études, lieu de provenance et classement d'entrée à l'université ; et de déterminer des plans futurs en proposant l'adaptation de l'offre du programme d'activités à la demande existante, dans l'intention d'augmenter le taux de participation sportive dans l'Universidade do Minho.

Parmi les principaux résultats observés, nous constatons qu'il existe une relation de continuité entre les pratiques sportives antérieures à l'entrée des étudiants dans l'Enseignement Supérieur et leurs envies de pratique sportive à l'Universidade do Minho: que les sportifs fédérés ou simples pratiquants révèlent une plus grande tendance dans la continuité de cette pratique dans l'Enseignement Supérieur ; qu'il n'existe pas de différences statistiquement significatives dans la relation entre le rendement académique et le type de pratique sportive ; que le temps dédié à l'entraînement n'a pas d'influence sur le rendement scolaire des sujets du genre féminin ; et qu'il existe des différences marginalement significatives, en tenant compte des valeurs moyennes qui sont plus élevées avec les sujets de genre masculin, qui dédient plus de temps à une activité physique hebdomadaire.

Mots-clés : sport universitaire, demande sportive, offre sportive

Lista de abreviaturas

- ACSM** American College of Sports Medicine
- CCADES** Comissão de Apoio ao Desporto no Ensino Superior
- COMPASS** Coordinated Monitoring of Participation in Sports in Europe
- CDDS** Comité de Desenvolvimento do Desporto
- CRUP** Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas
- DDC** Departamento Desportivo e Cultural
- CPPD** Carta de Procura da Prática Desportiva
- EQS** Empresários e Quadros Superiores
- EUSA** European University Sports Association
- EUA** Estados Unidos da América
- FADU** Federação Académica de Desporto Universitário
- FISU** Federação Internacional de Desporto Universitário
- FPDU** Federação Portuguesa de Desporto Universitário
- ICS** Confederação Internacional de Estudantes
- ICUS** International Commissariat of University Sport
- IDP** Instituto de Desporto de Portugal
- IHDDP** Inquérito aos Hábitos Desportivos da População Portuguesa
- IUS** International Union of Students
- NCAA** National Collegiate Athletic Association
- PI** Profissionais da Indústria
- SASUM** Serviços de Ação Social
- SEE** Serviços de Enquadramento e Execução
- TAGP** Trabalhadores Agrícolas e Pescas
- UM** Universidade do Minho

Índice

1.	Introdução	1
2.	Revisão da Literatura.....	3
2.1.	Integração e enquadramento do desporto nos Estabelecimentos de Ensino Superior ..	3
2.2.	Organização do Desporto no Ensino Superior.....	9
2.2.1.	A Internacionalização do Desporto do Ensino Superior.....	9
2.2.2.	O Modelo de Desporto Universitário Americano	11
2.2.3.	O Modelo Desportivo Universitário Europeu	13
2.2.4.	A Organização do Desporto do Ensino Superior em Portugal.....	14
2.2.5.	O desporto na Universidade do Minho.....	16
2.3.	Motivos para a prática de atividade física e desporto	18
2.4.	Oferta e Procura Desportiva.....	20
2.4.1.	Estudos sobre os Hábitos Desportivos	20
2.4.2.	Os hábitos desportivos em Portugal	22
2.4.3.	Comparação Internacional dos Hábitos Desportivos	25
2.5.	As Variáveis da Participação Desportiva	27
2.5.1.	Desporto e Género.....	28
2.5.2.	Desporto e Idade	29
2.5.3.	Desporto e Escolaridade	30
2.5.4.	Desporto e Grupos Sociais	30
2.5.5.	Preferência desportiva	31
2.5.6.	Tempo de prática de atividade física e desportiva	33
3.	Objeto, Objetivos e Hipóteses	35
3.1.	Objeto de Estudo.....	35
3.2.	Objetivo geral	35
3.3.	Objetivos específicos	36
3.4.	Hipóteses formuladas.....	36
4.	Metodologia	37
4.1.	Caracterização da amostra	37
4.2.	Instrumento	39

4.3.	Procedimentos de aplicação	40
4.4.	Procedimentos Estatísticos	40
5.	Apresentação, análise e discussão dos resultados	41
5.1.	Modalidade desportiva federada praticada na atualidade.....	41
5.2.	Tempo de atividade desportiva federada semanal	42
5.3.	Modalidade desportiva federada praticada anteriormente	45
5.4.	Modalidade desportiva praticada no desporto escolar.....	47
5.5.	Modalidade desportiva que pratica nos tempos livres	49
5.6.	Tempo de prática de atividade física semanal nos tempos livres.....	51
5.7.	Modalidade desportiva que gostaria de praticar na Universidade do Minho (UM).....	52
5.8.	Nota de candidatura de acesso ao ensino superior.....	56
5.8.1.	Não-Desportistas	56
5.8.2.	Desportistas	57
5.8.3.	Nota de candidatura ao ensino superior dos desportistas de ambos os géneros, por modalidade desportiva	60
5.9.	Escola a frequentar	60
5.10.	Análise da Normalidade das Distribuições	61
5.11.	Teste do Qui-Quadrado	62
5.12.	Comparação desportistas federados <i>versus</i> não-desportistas.....	63
6.	Discussão dos resultados	69
6.1.	Prática desportiva federada atual.....	69
6.2.	Tempo de atividade semanal para os atletas federados.....	70
6.3.	Modalidade federada já praticada	70
6.4.	Modalidade desportiva praticada no desporto escolar.....	71
6.5.	Modalidade desportiva praticada nos tempos livres	71
6.6.	Tempo de atividade física semanal nos tempos livres.....	72
6.7.	Modalidade desportiva que gostaria de praticar na Universidade do Minho	72
6.8.	Classificação de acesso ao ensino superior.....	73
7.	Conclusões	75
8.	Limitações	77
	Referências bibliográficas.....	79

ANEXOS	85
ANEXOS I – Questionário.....	87

Índice de tabelas

Tabela 1 - Participação Desportiva por País segundo o Género	26
Tabela 2 - Participação Desportiva segundo a Idade	29
Tabela 3 - Participação Desportiva segundo a escolaridade.....	30
Tabela 4 - Participação Desportiva segundo o grupo social	31
Tabela 5 - Dimensão da amostra	37
Tabela 6 - Dimensão da amostra	38
Tabela 7 - Distrito de proveniência dos sujeitos da amostra	38
Tabela 8 - Prática desportiva federada atual dos sujeitos da amostra	41
Tabela 9 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra com prática desportiva federada atual, por tempo (minutos) de treino semanal.....	42
Tabela 10 - Média (M), desvio-padrão (DP), valores mínimo (Mín) e Máximo (Max) do tempo despendido semanalmente em minutos de prática desportiva federada, em cada grupo da amostra	42
Tabela 11 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra com prática desportiva federada atual, por intervalo de minutos de treino semanal.	44
Tabela 12 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra em função do número de modalidades desportivas federadas praticadas anteriormente.....	45
Tabela 13 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra por modalidade desportiva federada praticada anteriormente.....	46
Tabela 14 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra em função do número de modalidades desportivas já praticadas no desporto escolar	47
Tabela 15 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra por modalidade já praticada no desporto escolar	48
Tabela 16 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra em função do número de modalidades que pratica atualmente nos tempos livres	49
Tabela 17 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra por modalidade que pratica atualmente nos tempos livres	50
Tabela 18 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) em cada intervalo de tempo (minutos) de sujeitos da amostra com prática de atividade física nos tempos livres.....	51
Tabela 19 - Média (M), desvio-padrão (DP), valores mínimo (Mín) e Máximo (Max) do tempo despendido em minutos de prática de atividade física nos tempos livres.....	51
Tabela 20 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos não desportistas da amostra em função do número de modalidades que gostaria de praticar na UM	52

Tabela 21 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos não desportistas da amostra por modalidade que gostaria de praticar na UM	53
Tabela 22 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos desportistas federados da amostra em função do número de modalidades que gostaria de praticar na UM	54
Tabela 23 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos desportistas da amostra por modalidade que gostaria de praticar na UM	55
Tabela 24 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos não-desportistas, por intervalo de nota de candidatura.....	57
Tabela 25 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos -desportistas, por intervalo de nota de candidatura	57
Tabela 26 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra com prática desportiva federada atual, por intervalo de nota de candidatura	59
Tabela 27 - Média (M), desvio-padrão (DP), valores mínimo (Mín) e Máximo (Max) da nota de candidatura, dos sujeitos desportistas e não-desportistas	60
Tabela 28 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra, desportistas e não-desportistas, a frequentarem cada uma das escolas da UM	61
Tabela 29 - Teste de Kolmogorov-Smirnov na análise da normalidade das distribuições nas variáveis quantitativas.....	62
Tabela 30 - Teste do qui-quadrado entre desportistas (homens versus mulheres) e entre não-desportistas (homens versus mulheres), bem como o total (desportistas versus não-desportistas) quanto a algumas variáveis em escala qualitativa	63
Tabela 31 - Mean Rank e teste U Mann-Whitney na comparação entre desportistas com não-desportistas.....	63
Tabela 32 - Teste do qui-quadrado entre desportistas versus não-desportistas, de ambos os sexos, quanto aos desejos de prática desportiva na UM	64
Tabela 33 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra, desportistas e não-desportistas, com intenção de não praticarem e praticarem uma atividade física na UM	64
Tabela 34 - Média, desvio-padrão e teste t de medidas independentes na comparação desportistas versus não-desportistas, em ambos os géneros, relativamente à nota de candidatura de acesso ao ensino superior.....	65
Tabela 35 - Mean Rank (classificação média) e teste U Mann-Whitney na comparação desportistas versus não-desportistas, em ambos os géneros, relativamente à nota de candidatura de acesso ao ensino superior.....	65
Tabela 36 - Média, desvio-padrão, valores mínimo e máximo da nota de candidatura de acesso ao ensino superior, e one-way ANOVA na comparação entre tempo dedicado ao treino desportivo semanal, em ambos os géneros e no total da amostra, no grupo de desportistas	67

Tabela 37 - Média, desvio-padrão, valores mínimo e máximo da nota de candidatura de acesso ao ensino superior, e one-way ANOVA na comparação entre tempo dedicado ao treino desportivo semanal, em ambos os géneros e no total da amostra, no grupo de não-desportistas 67

1. Introdução

Num diagnóstico efetuado pelo Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) (1997)¹, assume-se em forma de *Parecer* no documento “Por um novo conceito de desporto na Universidade”, o facto de ao longo da existência de Ensino Superior em Portugal, não se ter conseguido generalizar o acesso das suas comunidades à prática de atividade física e desportiva.

Embora a atividade física e desporto, enquanto atividade extracurricular, seja formalmente reconhecida por Universidades e sucessivos Governos, desde, 1974 como uma área fundamental no desenvolvimento global dos estudantes e, sabendo da sua importância na promoção do sucesso escolar (Santos, 2001)², o facto é que a esmagadora maioria destes estudantes não tem tido acesso a programas e instalações desportivas para efetuar esta atividade de forma regular (Sarmento, 2002)³.

No entanto, por força de diversos fatores, entre os quais a melhoria dos serviços prestados aos estudantes do Ensino Superior, resolvidas que estão algumas questões de base no apoio à atividade letiva e ação social escolar nos Estabelecimentos de Ensino Superior em Portugal, este assunto parece despertar maior interesse e investimento em programas e meios de apoio à atividade física e desporto.

Sabe-se ainda, que a procura de atividade física e desporto apresentam os seus valores mais elevados nas populações dos jovens adultos e que aumenta em função do nível socioeconómico e grau de habilitações literárias (Marivoet, 2001)⁴. Estes factos representam por si só, um investimento desde já bastante seguro do ponto de vista das estratégias de aumento de prática desportiva nesta população.

¹ Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (1997). *O Desporto na Universidade, Por um novo conceito de desporto na Universidade*, Acedido em 20 de Dezembro, 2008, de www.crup.pt/.

² Santos, L. (2001). *Adaptação Académica e Rendimento Escolar: Estudo com alunos universitários do 1º ano*. Braga: Grupo de Missão para a Qualidade de Ensino Aprendizagem da Universidade do Minho.

³ Sarmento, P. (2002). *Desporto Universitário?*. Porto: Associação de Estudantes da FCDEF-UP.

⁴ Marivoet, S. (2001). *Hábitos Desportivos da População Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos de Desporto.

Segundo Botello (2002)⁵, conhecer a oferta e procura de atividade física e desportiva das populações universitárias torna-se fundamental para viabilizar programas e investimentos em instalações desportivas. Desta forma, a justificação e pertinência desta investigação vai no sentido de avaliar e sugerir um programa de atividades físicas e desportivas no Ensino Superior que esteja adequado às procuras da sua população, independentemente dos níveis de prática de cada um.

Tendo como universo de estudo os estudantes que se inscrevem pela primeira vez na Universidade do Minho no ano letivo de 2010/2011, sugere-se a seguinte pergunta de partida para esta investigação: *Quais os antecedentes e interesses de prática de atividade física e desportiva dos estudantes do 1º ano da Universidade do Minho?*

É ainda nossa expectativa com esta investigação, aumentar e desenvolver o conhecimento e intervenção na área da atividade física e desporto do ensino superior, conhecer melhor a procura para que seja adequada à oferta existente, assim como renovar os programas em função das expectativas e motivações das novas gerações que vão chegando à Universidade do Minho.

Druker (2001)⁶ afirma “não existem produtos, apenas existem clientes”, o que nos leva a concluir que do lado dos prestadores de serviços desportivos, seja qual for o contexto, é fundamental conhecer a oferta para viabilizar programas e mobilizar praticantes, tantos quanto for possível.

⁵ Botello, M. (2002). *Hábitos e Preferências Desportivas dos Estudantes da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Gabinete de Desporto da Universidade de Lisboa.

⁶ Druker, P. (2001). *O Melhor de Peter Druker*, São Paulo: Nobel.

2. Revisão da Literatura

2.1. Integração e enquadramento do desporto nos Estabelecimentos de Ensino Superior

São vários os autores a nível internacional que têm refletido sobre a integração e enquadramento das atividades desportivas nos Estabelecimentos de Ensino Superior. As vivências académicas e rendimento escolar na sua dimensão social são abordados em vários estudos, nomeadamente na relação entre a atividade desportiva no meio universitário e o seu impacto no rendimento escolar.

Destes estudos são quase sempre observadas características positivas nos estudantes que se dedicam de uma forma regular à prática de atividade física e desporto enquadradas nos Estabelecimentos de Ensino Superior.

Kuh *et al.*, (1994); Piscarella & Terenzini, (1991), in Kuh, (1999)⁷, comprovam através de estudos realizados, que existe uma associação positiva entre a frequência das atividades extracurriculares e o rendimento escolar. A prática desportiva no ensino superior faz parte de uma listagem identificada por estes autores que influencia diretamente de forma positiva o rendimento escolar e a persistência académica. Juntamente com a atividade desportiva encontram-se atividades como: assistir a eventos culturais, conversas sobre os objetivos institucionais em contexto proporcionado pela instituição, trabalho em grupo, assistir a congressos e palestras, debater com os colegas os problemas da academia, trabalhar em estruturas do próprio campus, sociabilização com colegas de outros cursos e de origens diferentes e conversas sobre temas estudados e sua aplicação prática no domínio laboral.

O nível de persistência nas tarefas, a autodisciplina e a concentração são algumas das referências positivas que se encontram em grande parte dos trabalhos sobre esta temática e que estão expressos no trabalho de Simons, Rheenen e Covington (1999)⁸. Os autores deste estudo

⁷ Kuh, G. D. (1999). Setting the bar high to promote student learning, in G. S. Bliming, E. J. Whitt, & Associates (Eds.), *Good practice in student affairs: Principles to foster student learning*, (pp. 67-89), San Francisco: Jossey-Bass.

⁸ Simons, H., Rheenen, V., Covington, V. (1999). Academic motivation and the student athlete. *Journal of College Student Development*, 40(2), 151-162

afirmam que “quando estas características são passadas para o domínio académico, atingem elevados níveis de rendimento escolar.”

De uma maneira geral, é consensual entre os autores que se dedicam a este âmbito de estudos, que as atividades desportivas promovem positivamente a integração académica e o sucesso escolar. A atividade desportiva não impede os estudantes de obterem bons resultados nos estudos e um bom desempenho académico global, nem tão pouco é inibidor de participarem em mais atividades sociais com os restantes colegas da Universidade.

No entanto, também existem estudos que mostram que a relação poderá não ser assim tão linear. Quando se emprega excessivo tempo na atividade desportiva, estando este ligado a estágios prolongados de preparação desportiva fora do ambiente escolar, esta pode afetar de forma negativa o rendimento escolar. Este facto é também muitas vezes provocado porque coloca exigências acrescidas de vida social e de lazer aos estudantes, o que acaba por lhes criar, por vezes, desadaptação académica, mesmo quando a integração social do aluno é boa (Almeida *et al.*, 2000)⁹.

Têm sido poucos os estudos que abordam a integração da atividade física e desporto no âmbito dos Estabelecimentos de Ensino Superior em Portugal, no entanto, o CRUP (1997)¹⁰, elaborou pela primeira vez, e até aos dias de hoje, um documento que pretendia funcionar como uma orientação para o Desporto nas Instituições de Ensino Superior, mostrando alguma preocupação face ao enquadramento deste fenómeno. O documento “O Desporto na Universidade, Por um novo conceito de desporto na Universidade”, começa por considerar que o primeiro fim das Universidades é a formação dos seus estudantes, sendo esta vista de uma forma abrangente, tendo em conta as componentes humana, cultural, científica e técnica, sendo o desporto um meio de complemento dessa formação integral. Considera ainda que as Universidades, de uma forma geral, não têm conseguido generalizar o acesso à prática de atividade física e desportiva, por norma apenas alguns estudantes praticam desporto integrados nas competições federadas

⁹ Almeida, L. S., Soares, A. P., Vasconcelos, R. M., Capela, J. B., Corais, J. M. & Fernandes, A. (2000). Envolvimento extracurricular e ajustamento académico: Um estudo sobre as vivências dos estudantes universitários com e sem funções associativas. In A. P. Soares, A. Osório, J. V. Capela, L. S. Almeida, R. M. Vasconcelos, & S. M. Caires (Eds.), *Transição para o ensino superior* (pp.165.168). Braga: Universidade do Minho – Conselho Académico.

¹⁰ Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (1997). *O Desporto na Universidade, Por um novo conceito de desporto na Universidade*. Acedido em 20 de Dezembro, 2008, Web site: www.crup.pt/.

(universitárias e outras), ficando a esmagadora maioria dos estudantes fora da possibilidade de realizar a sua prática desportiva.

O CRUP concretiza ainda uma série de considerações sobre o Enquadramento Orgânico do Desporto nas Universidades, o Financiamento às atividades e projetos desportivos nos Estabelecimentos de Ensino Superior, o papel do Movimento Associativo no desenvolvimento da prática desportiva universitária e ainda sobre o papel e Autonomia das Universidades, e das quais se produziram as seguintes recomendações:

- A necessidade do desporto fazer parte do projeto educativo da Universidade e da formação integral dos estudantes, atendendo ao facto de que a prática desportiva deve ser entendida e “desenvolvida numa dimensão aberta de participação saudável, voluntária e ativa da generalidade dos universitários”;
- Criação de Serviços Desportivos em cada Universidade, com o objetivo de enquadrar as atividades e práticas desportivas dos estudantes em consonância com os objetivos de cada Instituição e garantindo uma correta aplicação e gestão de todos os recursos. Estes serviços poderão estar na dependência direta das Reitorias ou dos Serviços de Ação Social e devem possuir quadros técnicos qualificados para conceberem, planearem e coordenarem as atividades desportivas;
- A manutenção e atualização das estruturas desportivas devem ser financiadas pelo Estado, no entanto, parte deste financiamento poderá ser obtido por concurso, incentivando a inovação e rentabilidade de soluções de enquadramento por parte dos Estabelecimentos de Ensino Superior;
- As Instalações Desportivas devem estar enquadradas no espaço académico e devem promover e estar fundamentalmente vocacionadas para o desporto para todos, nomeadamente para a manutenção da saúde e lazer. As Instalações Desportivas deverão ser adequadas à prática desportiva dos estudantes, devendo a sua dimensão não proporcionar elevados custos de manutenção e estar destinadas para projetos que envolvam poucos estudantes; e
- Cada Universidade, através dos seus órgãos competentes, deverá definir a sua política e intervenção na atividade desportiva dos seus estudantes, assumindo desde logo o diálogo e contratualização com os mesmos e à luz da sua autonomia.

Pires (1995)¹¹, no âmbito da organização e futuro para o desporto no âmbito do Ensino Superior, considera que a “forma como o Desporto em geral e o Desporto Universitário estão organizados nos nossos dias, têm que responder a questões e desafios importantes adequando-se às necessidades e anseios atuais das populações”. É desta forma fundamental que as organizações que enquadram e dirigem o desporto têm que estar organizadas e estruturadas de forma diferente das lógicas do passado, centradas quase exclusivamente no rendimento, na medida, no recorde, no espetáculo ou no profissionalismo desportivo.

Este autor considera fundamental antecipar o futuro, conhecer as atitudes e tendências sobre as práticas desportivas, devendo os responsáveis das organizações desportivas refletir sobre as seguintes transformações, à escala global, e que são também os desafios para o Desporto Universitário, a saber:

- De um desporto industrial para um desporto de informação;
- De um associativismo pesado para um associativismo flexível e de estrutura volátil;
- De um desporto à escala nacional para um desporto a uma escala planetária;
- Da gestão do curto prazo para as políticas de longo prazo;
- Da centralização para a descentralização;
- Da assistência institucional do tipo “paternalista” à emancipação pela responsabilidade;
- Do amadorismo para um profissionalismo centrado na responsabilização dos intervenientes;
- De um desporto exclusivamente pedagógico para um desporto também de valor económico e de promoção social; e
- Das políticas de escolha simples às estratégias de múltiplas opções.

O Desporto continua a ser um instrumento de educação e de cultura e intervém na qualidade de vida das populações e, neste aspeto, o Desporto Universitário tem certamente o seu papel e o seu âmbito de intervenção. Deve assim, estar alinhado com a dinâmica da sociedade atual e dar resposta às necessidades desportivas da sua população, que passe pelo direito de cada um e de todos praticarem desporto segundo os seus desejos e motivações. As organizações que atuam

¹¹ Pires, G. (1995), *Desporto Universitário a Organização do Futuro*. In: I^ªs Jornadas sobre Desporto Universitário. Porto: Ed. Federação Académica do Porto - Comissão Executiva do Desporto.

em consonância com os desejos das pessoas estão a ganhar cada vez mais importância. Ainda segundo Pires (1995)¹², o futuro do Desporto Universitário passa por pensar e responder às seguintes questões, nomeadamente: Qual é a visão (a ideia que se deseja desenvolver)?, Qual é a filosofia (os valores morais)?, Qual é o credo (a filosofia da ação)?, Qual é a vocação (o âmbito de ação)?, Qual a missão (o que deve fazer)?, Quais são os objetivos a longo, a médio e a curto prazos (onde quer chegar)?, Qual é a estratégia (qual o caminho)?, Quais são os programas e os projetos de ação (o plano)?, Quais são as pessoas e as organizações implicadas (os recursos humanos)? e Quais são os meios disponíveis (os recursos materiais)?.

Curado (2006)¹³, chamando a atenção dos agentes responsáveis pela área governamental do desporto, refere “a necessidade de inovar na organização e intervenção no desporto com fórmula nacional e perspetivar a prática desportiva que queremos a longo, médio e curto prazo”. No âmbito do Ensino Superior, considera ainda grave os seguintes aspetos atualmente observados:

- Competições que são cópias de modelos federados, e normalmente de pior qualidade em termos organizativos;
- Ausência de capacidade de inovação;
- Praticantes e equipas desportivas constituídas por atletas federados; e
- Ausência de treinos e preparação para as competições.

O Desporto no âmbito do Ensino Superior causa alguma preocupação pela falta de capacidade de inovação e de ideias quando se sabe que os futuros dirigentes do País pertencem necessariamente a este universo. É também desconhecida a verdadeira dimensão do fenómeno Desporto Universitário, nomeadamente em número de praticantes (Curado, 2006).

Sarmiento (2002)¹⁴, referindo-se ao papel do desporto para os estudantes das universidades portuguesas, considera que “as opções de aspirar a uma prática desportiva regular e de

¹² Pires, G. (1995), Desporto Universitário a Organização do Futuro. In: *1ª Jornadas sobre Desporto Universitário*. Porto: Ed. Federação Académica do Porto - Comissão Executiva do Desporto.

¹³ Curado, J. (1996). *Reforma do Sistema Desportivo*. Acedido em 20 de Dezembro, 2007, de <http://www.congressododesporto.gov.pt/index2.htm>.

¹⁴ Sarmiento, P. (2002). *Desporto Universitário?*. Porto: Associação de Estudantes da FCDEF-UP.

qualidade é tarefa difícil, independentemente do nível de prática que o estudante desejar”.

Sustenta-se esta opinião nas seguintes e principais condicionantes:

- Dificuldade na conciliação dos horários letivos, em norma, muito pesados e que são construídos numa lógica de interesse exclusivo do corpo docente, do número reduzido de salas de aula e nos meios disponibilizados para a atividade de ensino/aprendizagem;
- O número de instalações desportivas não é suficiente para a procura de prática desportiva. Esta situação é agravada pelo facto de na maioria dos casos não estarem ajustadas aos interesses e motivações dos estudantes, muitas vezes indisponíveis e sem qualquer tipo de enquadramento técnico-desportivo.

É reconhecida a importância do desporto na promoção da saúde e do bem-estar, no entanto, parece estar completamente fora de questão um desenvolvimento geral e afirmação da prática desportiva no ensino superior por incapacidade financeira e de meios das Universidades públicas portuguesas. Será extremamente difícil, por exemplo, para Universidades com mais de 15.000 alunos contratarem enquadramento técnico (professores de desporto) para lançar um programa de atividade desportiva generalizado a toda a população académica, assim como locais (Instalações Desportivas) para acolher todos os interessados.

São consideráveis os problemas a enfrentar pelas Instituições de Ensino Superior que arrisquem em lançar um programa generalizado de prática desportiva, o que tem levado normalmente ao apoio pontual ou específico, por parte das Instituições, a ações desenvolvidas ou campeonatos de modalidades desportivas enquadrados pelas Associações de Estudantes ou pelos Serviços Desportivos.

Uma mudança virada para a criação da oportunidade de prática desportiva a todos os estudantes exigirá sempre uma política integrada e integradora por parte dos Estabelecimentos de Ensino Superior.

É assim da opinião generalizada, por parte dos diferentes autores e investigadores sobre este tema, que se justifica a integração da atividade física e do desporto nas Instituições de Ensino Superior, dados os benefícios diretos desta prática e dos efeitos sobre o rendimento académico.

2.2. Organização do Desporto no Ensino Superior

2.2.1. A Internacionalização do Desporto do Ensino Superior

Segundo Renson (1999)¹⁵, o primeiro período do Desporto no Ensino Superior dá-se entre o século XIII e o século XVIII, onde os estudantes praticavam alguns jogos desde a fundação das Universidades mais antigas em Itália, Grã-Bretanha, Espanha, etc., embora o exercício físico não estivesse integrado nos programas das Universidades. O âmbito desportivo não foi aceite pelas autoridades académicas até meados do Sec. XVII, época que coincide com o movimento do Iluminismo e em que se torna consciente a importância da atividade física. O segundo período decorre no século XIX até à primeira grande guerra mundial. O Desporto aparece na Grã-Bretanha primeiro nas Escolas e depois nas Universidades, estendendo-se ainda pelas colónias britânicas e por toda a Europa, inspirado na ideia do amadorismo que levaram ao aparecimento dos Jogos Olímpicos da era moderna no final do século XIX por Pierre de Coubertain. É nesta fase, e já no início do Séc. XX, que se inicia a institucionalização do desporto estudantil a nível local, nacional e internacional. Foram os estudantes, fora do âmbito das Universidades, que se organizaram em clubes desportivos e posteriormente em associações e federações nacionais. A primeira federação nacional de desporto universitário aparece nos Estados Unidos em 1905, e na Europa em 1907 na Hungria. O terceiro período, desde 1919, até aos dias de hoje, pode caracterizar-se pela disseminação do desporto no Ensino Superior a nível mundial, em todos os continentes, e a sua aceitação universal pelos estabelecimentos de ensino superior. No início deste período foram as Universidades dos Estados Unidos e Grã-Bretanha a oferecer programas desportivos às suas comunidades e a reconhecer os valores educativos do desporto, tendo sido introduzidos de forma gradual em todos os países. O Desporto converte-se parte integrante do estilo de vida de muitos estudantes que aderem a programas de caráter educativo promovido pelas Universidades.

A internacionalização do Desporto dos estudantes universitários deu-se no início do Séc. XX, embora a Federação Internacional de Desporto Universitário (FISU), atual entidade responsável pela organização do desporto universitário a nível mundial, apenas tenha sido fundada em

¹⁵ Renson, R. (1999). *Social Sports Stratification*. Leuven: Katholieke Universiteit

meados deste século. Assim e segundo Gallien (2004)¹⁶, esta terceira era da história do desporto do ensino superior pode dividir-se em três períodos: entre 1918 e 1940, os anos da “guerra-fria” entre 1945 e 1959 e, finalmente, o período que se inicia com a criação das Universíadas em 1959 até aos dias de hoje.

O primeiro organismo estudantil internacional de desporto do ensino superior aparece em 1923 com a designação de *International Commissariat of University Sport* (ICUS), no âmbito da Confederação Internacional de Estudantes (ICS). Com a cobertura institucional destas duas últimas organizações, Jean Petitjean, de nacionalidade francesa e considerado o “Pai” do Desporto Universitário Mundial, organiza os Jogos Mundiais Estudantis em Paris no ano de 1923, aos quais se seguiram várias edições destes jogos, tanto de verão como de inverno. No âmbito de um Congresso organizado durante estes jogos, foi aprovada uma recomendação de criação de uma associação internacional de desporto universitário, a qual veio a ser fundada após duas décadas e meia depois da primeira edição destes jogos.

Após a Segunda Grande Guerra Mundial, já no período de “Guerra-Fria”, o desporto universitário internacional divide-se em dois grupos. Os países do bloco de leste fundaram a *International Union of Students* (IUS) com o objetivo de continuar a atividade da ICS e organizar jogos mundiais universitários. No entanto, as diferenças políticas levaram a que alguns países ocidentais fundassem em 1949 uma organização independente e de certa forma concorrente, chamada FISU, que começa a organizar os seus próprios jogos mundiais. Dez anos mais tarde, em 1959, Jean Petitjean consegue uma reconciliação entre estas duas estruturas e a adesão dos países da IUS à FISU. Desta forma, e desde 1959 todos os países foram convidados a participar nos mesmos jogos mundiais universitários, designados como Universíadas, independentemente das suas ideologias políticas. A FISU persegue assim, e até hoje, os seus objetivos tendo em conta não discriminar a participação dos países por razões políticas, religiosas ou raciais (Campana, 2004)¹⁷.

A FISU é a única organização mundial de Desporto Universitário, existindo no entanto organizações de carácter continental na América, Ásia, Oceânia, África e Europa. No continente europeu é a *European University Sports Association* (EUSA) que organiza e promove o Desporto

¹⁶ Gallien, J. (2004). Education through University Sport. *Proceedings of the FISU Forum*, Lisbon, Portugal, 37-46

¹⁷ Campana, R. (2004). Education through University Sport. *Proceedings of the FISU Forum*. Lisbon. 13-21

do Ensino Superior, nomeadamente através de competições desportivas entre universidades dos países europeus. A EUSA é fundada no ano 2000 e realiza nesse mesmo ano a sua primeira competição desportiva, o I Campeonato Europeu Universitário de Basquetebol masculino e feminino, na Universidade de Aveiro em Portugal, sob a égide da Federação Académica de Desporto Universitário (FADU).

2.2.2. O Modelo de Desporto Universitário Americano

O Modelo de Desporto Universitário Americano – *Collegiate Model of Athletics* – muito assente na competição desportiva, é considerado como sendo único em todo o mundo na relação que estabelece entre a prática desportiva e o ensino superior. O Desporto Universitário nos Estados Unidos da América (EUA) teve início em meados do século XIX, tendo-se criado no início do século XX a *National Collegiate Athletics Association* (NCAA). O suporte filosófico que está por detrás do Desporto Universitário dos EUA, e que perdura há cerca de 150 anos, é a ligação existente entre a prática desportiva e a formação superior, sendo considerado o desporto como valor acrescentado à experiência educativa dos estudantes.

As competições universitárias iniciais não tiveram provavelmente o objetivo da experiência educativa, mas apontavam para um modelo desportivo semelhante ao existente atualmente, já que a motivação era passar os *muros* das instituições e competir com outras universidades, mostrando o orgulho na Universidade a que os estudantes-atletas pertenciam. A primeira competição realizou-se entre a Universidade de Rutgers e a Universidade Princeton num jogo de Futebol Americano, dando início a rivalidades e tradições próprias do Desporto Universitário Americano.

O Desporto Universitário foi organizado até 1906 por estudantes e esta situação viria a ser alterada por ordem do Presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, que impôs aos Reitores das Universidades que tornassem o desporto seguro, ou que acabasse de imediato. Esta medida surgiu na sequência de se terem registado 18 mortes e 150 feridos graves durante a prática de jogos de Futebol Americano. Das reuniões realizadas entre os Reitores, criou-se a NCAA, em 1906, com um alcance nacional abrangente e estabeleceu-se definitivamente uma ligação entre o desporto universitário e o ensino superior.

O Desporto Universitário Americano é desenvolvido a partir das Instituições de Ensino Superior e são mantidas num plano ético condizente com a dignidade e o elevado propósito da formação superior. Este Desporto tem uma popularidade, um mediatismo e dimensão social (nomeadamente o Futebol Americano e o Basquetebol Masculino), que passa o âmbito das Instituições de Ensino Superior, movimentando anualmente 5 mil milhões de dólares na totalidade dos orçamentos das Universidades.

A NCAA e os seus 422 associados (Universidades) promovem, e tentam manter, a relação entre praticar desporto e estudar junto dos cerca de 380.000 estudantes/atletas, nomeadamente através da promoção do sucesso educativo e desportivo assente nas qualidades que o desporto promove: trabalho de equipa e esforço árduo; autossacrifício e autodisciplina; persistência e resistência às dificuldades; aprender a dirigir e acatar; procura da excelência. São competências que o desporto ajuda a adquirir na experiência do ensino superior e essenciais para o sucesso a longo prazo.

Segundo Renfro (2007)¹⁸, pela questão conhecida do mediatismo e exigências deste desporto para os praticantes e Universidades, existem vozes críticas dentro das Instituições de Ensino Superior para com este fenómeno, no entanto, o Desporto Universitário nos EUA está integrado na missão da formação superior no sentido de garantir que os seus praticantes sejam efetivamente estudantes e atletas, não fazendo sentido nem sendo justificável a prática desportiva nas instituições de ensino superior dos EUA se assim não acontecer. O mesmo autor chama a atenção para a necessária proteção do fenómeno do desporto universitário americano no sentido de garantir duas condições essenciais: As competições académicas estarem integradas na estrutura organizativa das instituições, promovendo os mesmos valores, e que o estudante-atleta seja um estudante; tanto quanto possível, um estudante comum.

Para além da vertente competitiva, as Universidades Americanas desenvolvem também programas alargados de base recreativa e de melhoria da condição física dos seus estudantes com o objetivo de proporcionar, a todos os que queiram, uma boa experiência desportiva em ambiente académico.

¹⁸ Renfro, W. (2007). O Desporto Universitário nos Estados Unidos: Acrescentar Valor à Experiência do Ensino Superior. In: *Workshop perspectivas para o desporto universitário na europa e gestão de infraestruturas desportivas*. Lisboa: Estádio Universitário de Lisboa.

2.2.3. O Modelo Desportivo Universitário Europeu

O desporto teve origem na Europa, no velho continente. O movimento olímpico é disso um exemplo, resulta de uma iniciativa europeia. A maior parte das organizações desportivas internacionais estão sediadas na Europa. Desde o final da Segunda Guerra Mundial até meados dos anos 80 pode-se afirmar que existiam dois modelos desportivos diferentes na Europa: O modelo da Europa ocidental e o modelo dos países de leste. Nos países de leste a abordagem à organização desportiva era quase exclusivamente intervencionista por parte dos seus governos. Na Europa Ocidental a abordagem desportiva foi sendo desenvolvida através de um modelo misto de desenvolvimento em parceria governamental e não-governamental, entre a atividade pública e privada, com menor intervenção do Estado nos países do norte e maior intervencionismo nos países do sul do ponto de vista da regulação.

O Desporto na União Europeia, na maioria dos casos, organiza-se a partir de Federações Desportivas Nacionais. A estrutura é do tipo piramidal, bastante hierarquizada, com as Federações no topo da estrutura, nos níveis intermédios de estruturas regionais e na base os clubes desportivos. Em quase todos os países as Federações Desportivas estão reguladas por legislação nacional. O amadorismo e voluntariado no desporto também caracterizam estas estruturas piramidais e quase sempre referenciando a função social do desporto. Estas estruturas piramidais implicam interdependência entre os diferentes níveis de atuação, não só do ponto de vista organizativo como competitivo, já que as competições se organizam a todos os níveis. O sistema de subidas e descidas de escalão competitivo é uma das características do modelo europeu, ao contrário, por exemplo, do modelo americano. O Desporto na Europa está assente numa base de organização técnica e administrativa voluntária, de não profissionais e de algum financiamento de empresas privadas, algo que é uma realidade distinta do modelo americano, com base no desporto escolar.

Uma das questões mais problemáticas para a definição do modelo desportivo são as funções das Federações Desportivas. A questão central, tem a ver com o facto de as Federações serem entidades reguladoras de aspetos desportivos e ao mesmo tempo entidades com interesses privados. Em muitas situações os agentes da base desportiva não sentem que os seus interesses são adequadamente defendidos e protegidos pelas Federações Desportivas. Muitas das queixas e reivindicações que dirigem às estruturas federativas, como por exemplo a pouca promoção e apoio ao desporto de base, são efetivamente da sua responsabilidade política.

Curiosamente, quase nunca se coloca em causa o monopólio das federações desportivas nos diferentes países, reconhecendo-se estas estruturas como as mais eficientes em termos de organização desportiva.

Földesi (1993)¹⁹, identifica quatro tipos principais de modelos de desporto universitário:

- Modelo autónomo sem apoio público e sem intervenção do Estado;
- Modelo autónomo com apoio público e sem intervenção do Estado;
- Modelo semiautónomo com apoio público e com alguma intervenção do Estado; e
- Modelo sem autonomia com apoio público e com uma forte intervenção do Estado.

Parece, no entanto, não existirem muitos modelos na sua forma mais “pura”, como foram descritos anteriormente. Existem variações e alguma combinação dos modelos anteriormente descritos em função da centralização/descentralização da ação política colocada por cada governo, ou até pela tradição desportiva ou educativa no Ensino Superior de cada país.

A relação que se estabelece com o sector empresarial não é decisiva no carácter que se estabelece no modelo desportivo dos países europeus, tal como acontece no modelo americano. No continente europeu, ao contrário do que acontece com o desporto de elite fora dos Estabelecimentos de Ensino Superior em que o mercado desempenha um papel central, o desporto baseia-se nos princípios da atividade sem fins lucrativos e no seu princípio educativo. As atividades do Desporto no Ensino Superior na Europa, de uma forma geral, têm como objetivo principal o divertimento, a promoção da saúde, a participação e, em certos casos, no âmbito da competição desportiva, o resultado desportivo de excelência. No sector empresarial desportivo, em que o objetivo é o rendimento económico, não interessam as áreas que não obtêm benefícios financeiros lucrativos.

2.2.4. A Organização do Desporto do Ensino Superior em Portugal

O Desporto no Ensino Superior em Portugal é visto de uma forma geral pelos autores que investigam na área do desenvolvimento desportivo, como um fenómeno pouco evoluído do ponto

¹⁹ Földesi, S. G. (1993). The Transformation of Sport in Eastern Europe: The Hungarian Case. *Journal of Comparative Physical Education and Sport* 15(1), 5-21.

de vista da organização e da participação desportiva do seu público-alvo, nomeadamente quando comparado com o dos seus parceiros europeus.

Nos anos 50, o designado Desporto Universitário, que começa a ter expressão nas Universidades Portuguesas, era dirigido pela Inspeção do Desporto Universitário da Mocidade Portuguesa. Mais tarde, passa por outros departamentos do Ministério da Educação. Em 1973, o Decreto-Lei 82/73 coloca o Desporto Universitário e Escolar sob a alçada da Direção Geral dos Desportos. Em 1997, o Desporto Universitário fica à responsabilidade da Direção geral do Ensino Superior. A preocupação foi sempre manter o Desporto Universitário até esta data sob dependência estatal. A Federação Portuguesa de Desporto Universitário (FPDU), na década de 80, tentou funcionar fora da dependência estatal, mas acabaria por falhar porque não foi criada por vontade expressa dos estudantes, das universidades ou das associações de estudantes (Nascimento, 1991)²⁰. Entretanto em 1990, por iniciativa das Associações de Estudantes, cria-se a Federação Académica de Desporto Universitário. Também neste ano é aprovada a nova Lei de Bases do Sistema Desportivo (Lei n.º 1/1990 de 13 de janeiro) com o objetivo fundamental de “promover e orientar a generalização da prática desportiva” no território nacional. Esta Lei, que deveria ser regulamentada através de uma série de diplomas até 1992, acabou por nunca acontecer no que respeitava ao desporto do Ensino Superior.

O Desporto Universitário estava contemplado no artigo 7º desta Lei (desporto no ensino superior) e onde se atribuía a responsabilidade aos Estabelecimentos de Ensino Superior pelos princípios reguladores da prática desportiva das respetivas comunidades, dotando-a de quadros técnicos e apoio ao movimento associativo, responsabilizava o movimento associativo dos estudantes na organização e desenvolvimento do desporto no âmbito do ensino superior em que o apoio e fomento à expansão desta atividade, seria efetuado através de regulamentação própria com a participação dos estabelecimentos de ensino superior e movimento associativo dos estudantes.

É apresentado um projeto de diploma regulamentar, bastante inovador, o qual nunca chegou a ser aprovado e publicado. Este diploma enquadrado no espírito da nova Lei, previa as seguintes medidas e orientações mais significativas:

²⁰ Nascimento, J. (1991, março) Desporto Universitário Qual o Futuro?. *Revista Notícias SS UTL*. 21, 15-17.

- Atividade desportiva de recreação e de rendimento desenvolvidas por estudantes do Ensino Superior, inscritos nas Associações de Estudantes, suas Secções, ou na Federação Multidesportiva criada no âmbito do Ensino Superior (Artigo 1º objeto);
- Responsabilidade dos Estabelecimentos de Ensino Superior em apoiar as Associações de Estudantes, com dotação de quadros técnicos próprios, em função da sua dimensão. Construção, manutenção ou arrendamento de Instalações Desportivas e horários destinados à prática desportiva (Artigo 2º Desenvolvimento da prática desportiva no ensino superior);
- Responsabilidade integral de organização do Desporto no Ensino Superior do Movimento Associativo Estudantil (Artigo 3º Organização do Desporto no Ensino Superior);
- É criada uma Comissão de Apoio ao Desporto no Ensino Superior (CCADES), em que um dos objetivos é a articulação com o Desporto escolar, através do seu Gabinete Coordenador no sentido de haver coordenação e continuidade entre o Desporto Escolar e o Desporto Universitário (Artigo 12º Articulação com o desporto escolar).

A Lei 5/2007, de 16 de janeiro, Lei de bases da atividade física e do desporto, atualmente em vigor, no ponto 3 do artigo 28º (Estabelecimentos de ensino) refere que “As instituições de ensino superior definem os princípios reguladores da prática desportiva das respetivas comunidades, reconhecendo-se a relevância do associativismo estudantil e das respetivas estruturas dirigentes em sede de organização e desenvolvimento da prática de desporto neste âmbito”.

O enquadramento existente da legislação para o desporto em Portugal aliado ao quadro de autonomia dos estabelecimentos de ensino superior no âmbito do Regime Jurídico dos Estabelecimentos de Ensino Superior (Lei 62/2007 de 10 de setembro), dado pelo artigo 11º desta Lei e das competências dos serviços responsáveis pela ação social escolar e outros apoio educativo, através do artigo 20º, nomeadamente às atividades culturais e desportivas, confere às estruturas dirigentes da Universidades e Institutos Politécnicos a definição das políticas e programas a implementar neste sector em cada um destes estabelecimentos.

2.2.5. O desporto na Universidade do Minho

A responsabilidade de enquadramento da atividade desportiva na Universidade do Minho é atribuída aos Serviços de Acção Social (SASUM), os quais referem nos seus estatutos, Artigo 3º

alínea e), que esta entidade tem como objetivo “Promover e apoiar as atividades desportivas e culturais”.

No Regulamento Orgânico dos SASUM, sob a forma de despacho reitoral, no Capítulo I, Artigo 1º, é consagrada a existência do Departamento Desportivo e Cultural (DDC) nestes serviços, o qual é dirigido por um diretor de serviços que exerce as suas atribuições nos domínios da gestão técnica, desportiva e comunicação, e compreende os seguintes sectores:

- a) Gestão Técnica e Desportiva;
- b) Comunicação.

O DDC, tem como missão “Promover a participação desportiva e cultural no seio da comunidade académica (alunos e funcionários), proporcionando condições para um acesso democrático a essa prática, num ambiente educativo, aberto à comunidade, saudável e de excelência.”.

Este Departamento define como objetivos estratégicos da sua atividade:

- Fortalecer a organização do desporto e da cultura na Universidade do Minho nos Campi, e sua imagem a nível regional, nacional e no espaço europeu;
- Gerir adequadamente o parque desportivo da Universidade do Minho e coordenar a organização técnica da atividade desportiva na academia;
- Desenvolver programas de promoção das atividades desportivas para a comunidade universitária (alunos e funcionários), de acordo com a procura existente, adotando programas de referência ao nível de boas práticas; e
- Apoiar o Associativismo Desportivo e Cultural na Universidade Minho na prossecução da política definida pela Universidade para o sector.

No ano de 2010, a oferta de atividades desportivas na Universidade do Minho contemplou 60 modalidades desportivas das quais 22 atividades competitivas, mas também com componente de recreação, 13 atividades de desportos de combate das quais 3 são de competição e 25 atividades de condição física. Registaram-se nos serviços desportivos 6652 alunos dos 15462 inscritos (3511 do género masculino e 3141 do género feminino), correspondendo a uma taxa de participação desportiva de 43% do universo dos estudantes da Universidade do Minho. Destes alunos, 412 estudantes (272 do género masculino e 140 do género feminino) estiveram inscritos na competição desportiva universitária, ou seja 2% da totalidade dos estudantes.

A amplitude de oferta de atividades representa 15% para o desporto de competição e 86% para as atividades físicas e desportivas de carácter recreativo.

2.3. Motivos para a prática de atividade física e desporto

É absolutamente necessário conhecer os motivos que levam as pessoas a praticar atividade física e desporto. Este conhecimento permite adequar a oferta de serviços ao destinatários, no sentido de os satisfazer e manter num programa regular e continuado.

Os motivos de prática são muito distintos e têm motivado o desenvolvimento de estudos nesta área. Pieron (1998)²¹ destaca como motivos de adesão à prática de atividade física a melhoria da saúde e condição física, a melhoria de aparência, o prazer na atividade, as relações pessoais e os benefícios psicológicos, enquanto Berger *et al.* (2002)²² considera como mais importantes o controlo de peso, a diminuição do risco de doenças crónicas, a diminuição do stress e depressão, o divertimento e a melhoria da autoestima e autoconceito.

Em Portugal, também alguns autores desenvolveram estudos e onde identificaram alguns motivos para prática de atividade física e desporto. Novais & Fonseca (1994)²³ destacam assim as necessidades de movimento, motivos físicos, bem-estar físico e psicológico; Marivoet (1998)²⁴ considera a condição física, lazer e gosto pelo desporto; Afonso *et al.* (1995)²⁵ forma física, saúde, bem-estar e libertação de energias; e para Moutão *et al.* (2003)²⁶ são a manutenção da saúde, revitalização e agilidade. Como facilmente se observa, muitos dos motivos para a prática de atividade física são coincidentes. Destaca-se ainda que a motivação para a competição desportiva, ou a vontade de competir raramente é apontada como uma das mais importantes.

²¹ Pierón, M. (1998). Atividade Física e Saúde: um desafio para os profissionais de educação física. In Omniserviços & Sociedade portuguesa de Educação Física (Eds.), *Educação para a Saúde – O Papel da Educação Física na promoção de Estilos de Vida Saudáveis* (pp. 39-80). Lisboa: Omniserviços

²² Berger, B., Pargman, D., & Weinberg, R. (2002). *Foundations of exercise Psychology*. (p 190) Morgantown: Fitness Information Technology, Inc.

²³ Novais, M., Fonseca, J., (1994), O que leva as pessoas à atividade física em Health Clubs. In A. M. Fonseca (Ed.), *A FCDEF e a Psicologia do Desporto: Estudos sobre a motivação* (pp 45-49). Porto: FCDEF:UP

²⁴ Marivoet, S. (1998). *Aspetos Sociológicos do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.

²⁵ Afonso, A., Fernandes, A.P., Gomes, C., Soares, D., & Fonseca, A. M. (1995). Estudo exploratório sobre os motivos que levam as pessoas a praticar Aeróbica. In A. M. Fonseca (Ed.), *A FCDEF e a Psicologia do Desporto: Estudos sobre a motivação*. Porto: FCDEF:UP

²⁶ Moutão, J., Alves, J., & Silva, C. (2003), Motivos para a prática de exercício. In A. Seabra, D. Castela, F. Romero, J. Moutão, N. Pimenta, R. Santos-Rocha, & S. Franco (Eds.) *Investigação em Exercício e Saúde (CD Rom)*. Rio Maior: ESDRAM-IP

Frederick e Ryan (1993)²⁷ já tinham destacado este facto através de um estudo realizado, onde os praticantes de atividade física e desporto demonstravam uma motivação mais focalizada no desenvolvimento de habilidades, divertimento e na manutenção da saúde e prevenção da doença.

Em relação aos fatores/barreiras que afastam os indivíduos da prática de atividade física e desportiva, Weinberg & Gould (1999)²⁸ destacam os fatores apontados de forma negativa: a idade; a situação profissional; o risco de doença coronária; falta de tempo; barreiras relacionadas com a personalidade; barreiras do foro emocional; consumo de tabaco; intensidade e esforço percepcionado. Esta classificação surge como um fator fundamental na perceção de necessidades específicas de mobilizar determinados grupos com as mesmas características.

Bueno (2002:95)²⁹ aponta algumas linhas orientadoras para a elaboração de programas referindo que a atividade física e desportiva pode iniciar-se ou manter-se inalterada com maior probabilidade se:

- o individuo percebe os beneficios da prática;
- elege a atividade que lhe é agradável;
- consegue realizar a atividade;
- pode realizar a atividade de forma regular;
- pode integrar a atividade no seu horário e geri-la com a sua atividade principal ou outras importantes; e
- percebe que a atividade é suportável em termos económicos, sociais e físicos.

Bueno (2002), destaca que “uma intervenção psicológica eficaz deveria incluir a avaliação e determinação, para cada caso individual, de todas as variáveis relacionadas com o problema” de onde se destacam as seguintes:

²⁷ Frederick, M., & Ryan, M. (1993). Differences in motivation for sport and exercise and their relations with participation and mental health. *Journal of Sport Behavior*, 16, 124-146

²⁸ Weinberg, R., & Gould, D. (2001). Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício (M. C. Monteiro, Trans. 2ª Ed.). (p 380). Porto Alegre: Artmed editora.

²⁹ Bueno, M. (2002). Psicologia del ejercicio y Bienestar. In S. Serpa & D. Araújo (Eds.), *Psicologia do desporto e Exercício: Compreensão e aplicações*. Serviço de edições da Faculdade de Motricidade Humana & Sociedade Portuguesa de Psicologia do Desporto.

- motivos para a iniciação de um programa de atividade física;
- expectativa em relação a essa prática;
- crenças, atitudes e competência no âmbito dessa prática;
- apoio familiar e social;
- prática desportiva passada;
- nível atual da realização da atividade estruturada e quotidiano;
- barreira e dificuldades para a realização da atividade; e
- preferências, recursos e determinantes da realização da prática.

A recolha de dados e avaliações dos destinatários, torna-se assim um fator de sucesso na programação de oferta de atividade física e desportiva em qualquer organização.

2.4. Oferta e Procura Desportiva

2.4.1. Estudos sobre os Hábitos Desportivos

Os estudos sobre hábitos desportivos têm como objetivo, do ponto de vista dos diferentes estados que os promovem ou realizam, uma ideia de base que é a da democratização do acesso ao desporto, tornando-o acessível a todos os cidadãos, sabendo-se o valor inerente e vantagem em ter uma população ativa do ponto de vista do exercício físico, atividade física e prática desportiva.

A valorização do lazer e do tempo livre como espaço de realização dos cidadãos dá-se a partir da segunda metade do séc. XX, e com este fenómeno surge a necessidade de estudar as dinâmicas e práticas desportivas, nomeadamente do ponto de vista sociológico. Na sociedade civil, a partir deste momento e em alguns países, nomeadamente do sul da Europa, surgem movimentos que defendem a democratização da prática desportiva, sendo o entendimento que a generalização desta atividade a toda a população era fundamental e não só àqueles que estavam envolvidos em atividades de competição desportiva. Nas sociedades mais industrializadas dá-se maior importância ao fenómeno desportivo e à democratização da sua prática, sendo o contexto sociopolítico mais favorável e receptivo a estas novas ideias. Reconhece-se a importância do desporto associado à qualidade de vida que se obtém através de uma boa condição física e o

seu impacto em termos de saúde pública com a prática regular de desporto e atividade física. A prática de exercício físico regular é entendida e perspetivada no âmbito da recuperação da fadiga das atividades laborais, promove o aumento da produtividade e diminui os encargos gerais do estado com a saúde.

Alguns países, elaboram políticas que efetivam e consagram o direito da atividade física e do desporto aos seus cidadãos. No âmbito do Conselho da Europa este movimento designa-se *Desporto para Todos*, no leste da *Europa Desporto de Massas*, nos Estados Unidos da América *National Fitness* e na Austrália *National Fitness Council* (Marivot, 2001)³⁰.

O Conselho da Europa inicia campanhas com o objetivo de promover a prática de desporto e elabora um conjunto de recomendações e políticas a implementar pelos Estados membros, nomeadamente a dotação de instalações desportivas para todos os cidadãos (Conselho da Europa, 1990)³¹, recomendando ainda como padrão 4m² de área útil de prática desportiva por habitante (Claeys *et. al.*, 1987)³².

Os *Welfare States* dos países do centro e norte da Europa realizam planeamento para a construção de uma rede integrada de Instalações Desportivas entre 1965 e 1972 (Remans, 1986)³³.

Com a crise financeira mundial dos anos setenta, várias dificuldades são encontradas pelos diferentes Países em dar continuidade aos investimentos, quase sempre elevados, anteriormente programados, havendo necessidade de realizar novas reprogramações e encontrar outras formas de planeamento. Desenvolveram-se assim alguns estudos tendo-se chegado à conclusão que muitas instalações não estavam a ser suficientemente rentabilizadas, assim como se encontrou uma procura de novas modalidades e atividades desportivas que não estavam dimensionadas ou pensadas nos planos elaborados. Deu-se assim a necessidades de se realizarem estudos sobre

³⁰ Marivoet, S. (2001). *Hábitos Desportivos da População Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos de Desporto.

³¹ Conselho da Europa (1979), CDDS (78) 19 – E

³² Claeys, U., Hertogen, J., Mercy, M. (1987). *Recintos Desportivos Cobertos na Flandres: Situação e Procura*. Col. Antologia Desportiva n° 1. Lisboa: MEC/DGD

³³ Remans, A. (1986). A planificação da infraestrutura desportiva em período de recessão económica, *Desporto e Sociedade*. 5, 9-15.

as procuras e hábitos desportivos da população, de modo a melhor se perceber o fenómeno de adesão ao desporto, e as motivações das diferentes populações (Lassime, 1986)³⁴.

O Conselho da Europa, no âmbito do Comité de Desenvolvimento do Desporto (CDDS), através de um grupo de peritos, realiza entre 1970 e 1976 estudos em diferentes países, com o objetivo uniformizar indicadores a nível internacional, de forma a poder estabelecer comparações entre os estados membros (Conselho da Europa, 1977 e 1978)³⁵.

O primeiro estudo internacional realizado pelo Conselho da Europa sobre os hábitos desportivos realizou-se em 1979. Neste estudo, conclui-se que a prática de atividades desportivas constitui-se como um hábito cultural, ligado à aquisição de valores de cultura física durante o período de escolaridade. Verificou-se ainda que a prática desportiva varia consoante o sexo, a idade, o nível de escolaridade e o grupo socioprofissional. No âmbito da União Europeia, tem-se vindo a atualizar-se o conhecimento sobre hábitos desportivos nas três décadas, verificando-se continuamente as variáveis anteriormente referidas. Alguns países têm aproveitado estes dados para definir políticas e campanhas para grupos específicos onde se nota alguma dificuldade em aumentar os hábitos de prática desportiva. Hoje sabe-se que em países onde o nível de escolaridade é mais baixo existem menores taxas de participação desportiva, como é o caso de Portugal, agravando-se com a tradição cultural de alguns preconceitos ainda existentes, como por exemplo a participação feminina, registando-se níveis muito fracos de participação em atividade física e desportiva.

2.4.2. Os hábitos desportivos em Portugal

Também a nível nacional se tem registado uma preocupação com o comportamento das populações face à atividade física e desporto. É fundamental o conhecimento do comportamento da população para a implementação de linhas que orientem o desenvolvimento desportivo de forma global e integrada.

³⁴ Lassime, C. (1986) Metodologia de reflexão sobre o conhecimento das necessidades a fim de as satisfazer de maneira racional. *Desporto e Sociedade*. 5,17-24.

³⁵ Conselho da Europa (1990) O Conselho da Europa e o Desporto para Todos, *Desporto e Sociedade* n° 7.

No âmbito da União Europeia são vários os países que têm estudado a sua população permitindo estabelecer comparações entre os diferentes estados membros. Para o caso de Portugal, realizaram-se estudos sobre os hábitos desportivos da sua população em 1988 e 1998, no âmbito do projeto comunitário *Coordinated Monitoring of Participation in Sports in Europe* (COMPASS).

O objetivo deste estudo relacionado com o conhecimento do comportamento da população portuguesa face ao desporto, foi o de recolher dados sobre o número de praticantes, modalidades, perfil social dos praticantes, procura satisfeita e não satisfeita e ainda alguns dados sobre espetáculos desportivos, participação em associativismo desportivo e interesse pelos *média*.

Em 2004 e 2009 a Comissão Europeia publicou os resultados do eurobarómetro “Os cidadão da União Europeia e o Desporto” e “Desporto e Atividade Física”, respetivamente.

Em 1988, o estudo refere-se à população entre os 15 e 60 anos e em 1998 entre os 15 e 74 anos, os quais, quando comparados, apontam para uma estagnação da participação desportiva durante o período em análise, com exceção para uma ligeira subida no que se refere aos praticantes desportivos federados e um aumento da intensidade de prática. Nestes estudos é ainda visível um ligeiro decréscimo no âmbito do desporto de lazer e recreativo.

Segundo Marivoet (2000)³⁶, em 1988 em cada cem portugueses dos 15 aos 60 anos, 27 exerciam uma prática desportiva (índice de participação), embora só 22 destes de forma regular, e entre estes, 16 de forma organizada. No âmbito do desporto federado de competição 3%, e 24% no âmbito do desporto de lazer, entre os quais 13% de forma organizada e 19% de forma regular. Assim, dos 27% de praticantes desportivos, 5% desenvolviam-na de forma ocasional, e 11%, de forma não organizada. A procura não satisfeita registada foi de 5%, impondo um fator de expansão no valor de 20%. No estudo realizado em 1998 foi alargado o universo de análise à população entre os 15 e os 74 anos, tendo-se concluído que para este conjunto da população, 23 em cada cem portugueses eram praticantes desportivos, 3% destes desejavam praticar outras modalidades para além das praticadas, e 4 % mostraram o desejo em iniciar uma prática desportiva num futuro próximo.

³⁶ Marivoet, S. (2001). Práticas Desportivas na Sociedade Portuguesa (1988-1998), *Atas do IV Congresso Português de Sociologia, Sociedade Portuguesa, Passados, recentes e Futuros Próximos*, Lisboa.

Da análise comparada para o mesmo universo dos 15 aos 60 anos, verificou-se que não se registou um crescimento real na participação desportiva em dez anos que separaram os dois estudos. Desta forma, em 1998 continuou-se a registar o mesmo índice global de participação desportiva, 27%, embora se tenham verificado diferenças no seu seio, assim como 5% de procura não satisfeita. A grande diferença regista-se na passagem de dois pontos percentuais da participação desportiva no âmbito do lazer para a prática desportiva federada. Assim, os resultados apontam para um reforço do modelo de desporto federado praticado no âmbito da competição, e um decréscimo do desporto praticado no âmbito do lazer e generalizado a toda a população.

Estes resultados, registados para a população portuguesa, encontram justificação nas políticas desportivas promovidas durante esses dez anos, já que se verificou um efetivo reforço dos apoios ao desporto, sobretudo de alta competição, não existindo uma política concertada de promoção do desporto no âmbito do lazer (Marivoet & Malveiro 1999)³⁷.

Como conclusões gerais dos estudos realizados, pode-se afirmar que para a população dos 15 aos 60 anos, se verifica uma maior abrangência desportiva em 1998 face a 1988, que os praticantes desportivos em 1998 desenvolvem a sua prática desportiva de forma mais intensa, e um maior número de praticantes no âmbito do desporto federado de competição (Marivoet, 2000)³⁸.

Em relação às modalidades desportivas, o futebol é a modalidade mais praticada, tendo subido um ponto percentual, passando de 1988 e 1998, de 9% para 10%. Nas restantes modalidades mais praticadas verificaram-se algumas alterações, nomeadamente a subida da natação e uma descida do atletismo. A natação passa a ser a segunda modalidade mais praticada, com 4% da população, enquanto em 1988 se apresentava no quarto lugar, tal como o ténis, com 2%. O atletismo situa-se em 1998 no conjunto das três modalidades mais praticadas, ao mesmo nível das atividades de manutenção, tais como a musculação, andar a pé e o correr, da ginástica desportiva e do ciclismo com cerca de 2% respetivamente.

³⁷ Marivoet, S., Malveiro, O. (1999) As Relações entre o Estado e O Movimento Associativo em Portugal (1984-1999)", *Revista Horizonte* vol XV, 89, 25-32.

³⁸ Marivoet, S. (2001). Práticas Desportivas na Sociedade Portuguesa (1988-1998), *Atas do IV Congresso Português de Sociologia, Sociedade Portuguesa, Passados, recentes e Futuros Próximos*, Lisboa.

Dos estudos efetuados pelo Conselho da Europa “Os cidadão da União Europeia e o Desporto”, publicados em 2004, destaca-se o facto de apenas 22% dos portugueses realizarem atividade física mais do que duas vezes por semana, 66% nunca praticam nenhuma atividade apontando como principal razão a falta de tempo. Em relação ao estudo produzido também pelo Conselho da Europa em 2009, “Desporto e Atividade Física”, 9% dos portugueses afirmam praticar atividade física com regularidade, 23% com alguma regularidade e 55% nunca fazem atividade. O nível efetivo de prática em ambos os estudos é dos mais baixos da Europa para Portugal, mesmo com o alargamento da União Europeia a outros países, dando a entender que não houve uma evolução significativa da participação desportiva desde 1998 até 2009. No entanto, nestes estudos, a população portuguesa revela uma compreensão semelhante aos restantes países sobre os benefícios associados à prática de atividade física e desporto.

2.4.3. Comparação Internacional dos Hábitos Desportivos

Existe uma diferença significativa quando comparamos os hábitos desportivos dos países do norte e sul da Europa, registando-se taxas de participação mais elevadas nos países do norte da Europa.

As diferenças observadas prendem-se naturalmente com as características socioculturais dos países do norte face aos do sul, mas também pelo facto de os ideais do movimento do “desporto para todos” se terem expressado nestes últimos países muito mais tarde. Em Portugal, apenas após a instauração da democracia em 1974, começaram a ganhar expressão os valores de cultura física generalizada a toda a população, ou seja, cerca de duas décadas mais tarde relativamente aos países do centro e norte, representando assim, cerca de 20 anos de atraso em termos de desenvolvimento desportivo. Já nos anos 60, os países do norte da Europa tinham realizado um importante investimento em termos de rede de Instalações Desportivas, o que não se registou nos países do sul até finais dos anos 70 e, em alguns casos, nos anos 80.

Tabela 1 - Participação Desportiva por País segundo o Género

País - Ano de Estudo (universo de estudo – grupo etário)	Feminina	Masculina	Média Nacional
Espanha - 1995 (16-65)	24	39	31
Finlândia - 1997/8 (3 +)	78	83	81
Irlanda - 1994 (16-75)	58	70	64
Itália 1995 (3+)	15	32	23
Holanda 1995 (6+)	61	63	63
Portugal 1998 (15-74) ³⁹	14	34	23
Reino Unido 1996 (16 +)	60	72	67
Suécia 1997 (7-70)	70	70	70

Fonte: COMPASS Project, 1999 - Sports Participation in Europe

No caso português, a prática desportiva, até 1974, era sobretudo exercida pelos clubes ou escolas, dirigida aos escalões mais novos, e no âmbito da competição, havendo restrições e controles aos clubes desportivos, devido à proibição da liberdade associativa (Sousa, 1988). Neste contexto, as gerações mais velhas não foram socializadas nos novos valores da cultura física, nem mesmo uma boa parte delas tiveram a oportunidade de experimentar uma prática desportiva, pois a permanência na escola foi curta para a grande maioria dos jovens de então. Em 1988, na população dos 15 aos 60 anos, 39% não tinha tido uma experiência desportiva. Em 1998, para a mesma população, 37%, e entre os 15 e 74 anos o valor sobe para 43%. A este respeito é importante referir que as mulheres são as grandes ausentes de experiências desportivas, o que denota os preconceitos face à atividade desportiva feminina. Quanto aos homens os valores são mais baixos, sendo de realçar que, o serviço militar obrigatório constituiu um espaço onde para muitos foi possível a experiência de uma prática desportiva pela primeira vez, embora os jogos de rua, e as características de algumas modalidades, entre elas o Futebol,

³⁹ Centro de Estudos e Formação Desportiva (1998), *Inquérito aos Hábitos Desportivos da População Portuguesa*, Secretaria de Estado do Desporto

a Caça e a Pesca se identifiquem com os padrões culturais das práticas marcadamente masculinas, sobretudo nas gerações mais velhas (Marivoet, 2000)⁴⁰.

Contextualizando esta realidade, compreende-se que a sociedade portuguesa apresente ainda uma das participações mais baixas dos países da União Europeia, com a agravante de não se ter registado nas últimas décadas alterações políticas concertadas no sentido de generalizar a prática desportiva, embora a produção legislativa tenha sido elevada, mas sem efeitos sobre o aumento da prática desportiva dos cidadãos portugueses.

2.5. As Variáveis da Participação Desportiva

As variáveis idade, género, escolaridade, estatuto socioprofissional, preferência desportiva e tempo de prática nos estudos sobre hábitos desportivos desenvolvidos no âmbito nacional e internacional, são estruturantes para o planeamento e programação da prática desportiva das populações.

Os resultados têm demonstrado na generalidade que os homens tendem a praticar mais desporto do que as mulheres, os jovens praticam mais desporto do que os mais velhos, assim como, os que têm um nível de escolaridade mais elevada tem hábitos desportivos mais elevados que os que têm habilitações escolares mais baixas. Os que detêm um estatuto socioprofissional que requer maiores níveis de qualificação e de responsabilidade, também mostram mais apetência pela prática desportiva. Estes resultados são válidos não apenas para Portugal como para a generalidade dos países europeus.

No entanto e como se sabe, as características socioeconómicas de Portugal, assim como o nível de escolaridade, ainda baixo, e os preconceitos sobre a prática desportiva feminina que ainda persistem, são por si só fatores que explicam os baixos índices de participação desportiva da população.

⁴⁰ Marivoet, S. (2001). Práticas Desportivas na Sociedade Portuguesa (1988-1998), *Atas do IV Congresso Português de Sociologia, Sociedade Portuguesa, Passados, recentes e Futuros Próximos*, Lisboa.

2.5.1. Desporto e Género

Dos resultados obtidos do estudo COMPASS para Portugal em 1998, para a população portuguesa dos 15 aos 74 anos, em cada cem homens 34 praticam desporto, enquanto as mulheres são apenas 14. Sabendo que a população feminina portuguesa representa 52% do total do universo para esta idade, este facto constitui-se como um dos fatores mais importantes da fraca participação desportiva.

A participação desportiva das mulheres sofre variações consoante a idade, o nível de escolaridade e o estatuto socioprofissional. São sobretudo as gerações mais velhas, menos escolarizadas, e enquadradas em grupos sociais menos favorecidos, que mais contribuem para o baixo índice de participação global das mulheres. Para além das razões já referidas, torna-se ainda mais complicado para as mulheres portuguesas conciliar a atividade profissional com as acrescidas responsabilidades familiares enraizadas ao longo de gerações. Não poderemos ainda esquecer a inexistência de uma acessível oferta articulada com o tipo de procura requerido pelas mulheres. As instalações desportivas existentes ainda não oferecem o conforto e situações ideais para a prática desportiva feminina. Por outro lado, grande parte dos clubes desportivos de carácter associativo, que representam ainda grande parte da oferta desportiva no país fora da idade escolar, não oferece uma prática desportiva no âmbito do lazer, sendo este mercado preenchido por clubes privados que nem sempre praticam preços comportáveis para a maioria das famílias portuguesas.

2.5.2. Desporto e Idade

São as gerações mais jovens as que apresentam maiores índices de participação desportiva. Após os 35 anos de idade, a participação desportiva baixa, representando esta população 58% do total do estudo COMPASS para Portugal (ver tabela 2).

Tabela 2 - Participação Desportiva segundo a Idade

Idade	1988 Portugal Continental (15 aos 60 anos)	1998 Portugal (15 aos 74 anos)
15-19	55	51
20-34	32	34
35-49	20	18
50-60	7	10
61-74	-	5

Fonte: Carta de Procura da Prática Desportiva (1988)⁴¹ e IHDPP (1998)

Sabe-se que existe uma oferta muito variada no mercado dos lazeres e dos tempos livres para a juventude e obviamente concorrencial com as atividades desportivas. No entanto, verificando-se um aumento do desporto federado de competição no estudo de 1998, que justamente vai recair neste grupo etário, leva a autora do estudo, mais uma vez, a levantar a questão da inexistência de uma adequada e acessível oferta na sociedade portuguesa, articulada com as novas apetências da maioria da juventude nos tempos presentes nomeadamente, os desportos de grande espaço de lazer e aventura. No estudo de 1998, os desportos de aventura, no seu conjunto, correspondem a cerca de 1% do universo das modalidades praticadas pelos desportistas, num intervalo de confiança de 95%, e estima-se que sejam praticadas por cerca de 28.000 indivíduos entre os 15 e 74 anos.

⁴¹ Direção Geral dos Desportos (1991), *Carta de Procura da Prática Desportiva*, Vol:00, Parte I, Ministério da Educação

2.5.3. Desporto e Escolaridade

Os hábitos desportivos acompanham o nível de escolaridade. Quanto mais elevada a escolaridade, maiores são os níveis de participação registados, conforme se poderá ver no quadro seguinte.

Tabela 3 - Participação Desportiva segundo a escolaridade

	1998 Portugal (15 aos 74 anos)
Analfabeto/Sabe ler e escrever	5
Instrução primária e Ciclo Preparatório	15
9º ano	37
10º a 12º ano	45
Curso Médio e Politécnico	35
Licenciatura	49
Pós-graduação	57

Fonte: CPPD (1988) e IHDPP (1998)

A população com um grau de escolaridade até ao ciclo preparatório apresenta uma fraca participação desportiva. A população abrangida por esta escolaridade representa 64% da população em estudo, facto que contribui para a explicação da fraca participação desportiva registada na sociedade portuguesa quando comparada com outras sociedades europeias.

2.5.4. Desporto e Grupos Sociais

Interligado com a relação que se estabelece entre o nível de escolaridade e os hábitos desportivos encontramos, igualmente uma relação estruturante entre o grupo social e a prática desportiva. Os 'Pequenos Proprietários' do Grupo SEE (Serviços de Enquadramento e Execução) e os grupos PI (Profissionais da Indústria) e TAGP (Trabalhadores Agrícolas e Pescas), apresentam os índices de participação desportiva mais baixos e representam 61% da população em estudo. O grupo EQS (Empresários e Quadros Superiores) apresenta uma participação

desportiva elevada, mas apenas representam cerca de 7% da população em estudo (ver tabela 4).

Tabela 4 - Participação Desportiva segundo o grupo social

	1998 Portugal (15 aos 74 anos)
EQS Empresários e quadros superiores	43
SEE Serviços de enquadramento e execução	25
PI Profissionais da indústria	19
TAGP Trabalhadores agrícolas e pescas	9

Fonte: CPPD (1988) e IHDPP (1998)

Não se verifica uma grande diferenciação na identificação dos diferentes grupos sociais com as modalidades desportivas, sobretudo ao nível das primeiras escolhas, este facto deve-se à grande concentração da prática desportiva em torno de um número reduzido de modalidades desportivas (Marivoet, 1994)⁴².

2.5.5. Preferência desportiva

Dos estudos em contexto europeu realizados por Marivoet, o futebol que constitui-se como a modalidade mais praticada (10%), e é igualmente a modalidade mais praticada em todos os grupos sociais com exceção do grupo dos empresários e quadros superiores, onde assume o segundo lugar, sendo que este grupo tem uma prática bastante diversificada.

A natação que se constitui como a segunda modalidade mais praticada (4%), apresenta-se como a 1ª escolha no grupo empresários e quadros superiores, 2ª escolha no grupo dos serviços de enquadramento e execução, e a 3ª escolha no grupo profissionais da indústria. O atletismo sendo a terceira modalidade mais praticada (2%), surge em 2º lugar no grupo profissionais da indústria, 3º lugar nos grupos dos serviços de enquadramento e execução e trabalhadores da

⁴² Marivoet, S. (1994) "Hábitos Desportivos: Valores socioculturais em mudança", in *Atas do Congresso Mundial de Lazer*. Lisboa: Edições ICS da UL.

agricultura e pescas. As atividades de manutenção, a ginástica desportiva e o ciclismo, que apresentam valores de participação idênticos ao do atletismo, constituindo-se como as terceiras modalidades mais praticadas ao nível nacional, surgem igualmente nas primeiras escolhas dos diferentes grupos sociais. Assim, as atividades de manutenção são a 3ª escolha do grupo dos empresários e quadros superiores, a ginástica desportiva a 4ª escolha do grupo serviços de enquadramento e execução, e o ciclismo a 3ª escolha do grupo dos serviços de enquadramento e execução juntamente com o atletismo, e a 4ª escolha do grupo profissionais da indústria.

As modalidades desportivas menos praticadas ao nível nacional, e com algum relevo nas escolhas por parte dos diferentes grupos sociais, encontramos as danças gímnicas e o ténis como 4ª escolha no grupo dos empresários e quadros superiores, o basquetebol que ocupa juntamente com a natação a 3ª escolha no grupo profissionais da indústria, a caça que ocupa a 2ª escolha no grupo dos trabalhadores da agricultura e pescas, e a pesca desportiva que neste grupo se constitui como a 3ª escolha em conjunto com o atletismo.

Em termos gerais, podemos afirmar que a prática do futebol apresenta um grande predomínio nos diferentes grupos sociais, com exceção dos empresários e quadros superiores. Para além do futebol se constituir como a primeira escolha, esta encontra-se nestes grupos sociais bem distanciada das restantes modalidades praticadas. O grupo dos trabalhadores da agricultura e pescas apresenta uma afinidade com os desportos tradicionais, caça e pesca desportiva, modalidades fortemente identificadas com os espaços rurais. Por fim, o grupo dos empresários e quadros superiores apresenta uma distribuição mais equilibrada entre as diferentes modalidades praticadas, assim como se denota que as escolhas recaem em desportos que apresentam alguma exigência face à utilização de espaços de oferta no enquadramento da mesma.

Podemos concluir, da comparação dos dois estudos realizados, que a prática desportiva não cresceu em termos globais na sociedade portuguesa durante os últimos dez anos. Contudo, verificaram-se grandes alterações dentro da procura real existente.

Por um lado, a prática desportiva no âmbito federado cresceu, enquanto a prática desportiva no âmbito do lazer decresceu. Por outro lado, diminuiu a participação desportiva nas mulheres e nos mais jovens. Outra alteração verificada foi a maior intensificação da prática desportiva entre os praticantes em 1998, facto que pode dar a noção aparente da existência de um crescimento, embora se trate de um auto reforço do próprio mercado desportivo.

Quando comparamos a participação desportiva portuguesa com a dos países da União Europeia, verificamos que Portugal apresenta taxas que o aproximam da realidade do Sul Europeu. Este facto, deve-se às características socioeconómicas da sociedade portuguesa, nomeadamente o baixo nível de escolaridade, os preconceitos existentes face à prática das mulheres, sobretudo nas gerações mais velhas, e ainda, causas políticas que dificultaram a aquisição de uma cultura físico-desportiva.

Apesar de apenas 23% da população, entre os 15 e os 74 anos, praticarem desporto em 1998, encontramos 47% da mesma população a afirmar que gosta muito ou bastante de desporto. Este interesse pelo desporto recai sobretudo no espetáculo desportivo, onde cerca de 42% afirmaram ir assistir regularmente.

2.5.6. Tempo de prática de atividade física e desportiva

O Tempo de prática de atividade física e desportiva referente aos portugueses, segundo Marivoet (2001)⁴³, situavam-se em 7h00 (420 minutos) para os praticantes federados e 3h30m (210m) para os praticantes de lazer. Nos estudos *Eurobarómetro* de 2004⁴⁴ 8% dos portugueses praticava 3 ou mais vezes atividade física e/ou desporto por semana e 14% uma ou duas vezes, já em 2009⁴⁵, regista-se uma ligeira subida dos valores para 9% dos portugueses afirmam praticar desporto com regularidade (entre 3 a 5 vezes por semana) e 24% com alguma regularidade (1 a 3 vezes por semana). Nos estudos *Eurobarómetro* apenas se indicam dados de frequência semanal, não sendo possível avaliar o tempo de prática.

As recomendações existentes sobre a quantidade de atividade física situam-se nos 30m diários (ACSM, 1998⁴⁶). Estas recomendações são específicas para os indivíduos adultos com vista a

⁴³ Marivoet, S. (2001). Práticas Desportivas na Sociedade Portuguesa (1988-1998), *Atas do IV Congresso Português de Sociologia*, Sociedade Portuguesa, Passados, recentes e Futuros Próximos, Lisboa.

⁴⁴ Comissão Europeia, (2004), *The citizens of European Union and Sport*, Special Eurobarometer 213/Wave 62.0 - TNS Opinion & Social. Recuperado em 20 de setembro, 2011, em http://ec.europa.eu/index_pt.htm,

⁴⁵ Comissão Europeia, (2010), *Sports and Physical Activity*, Special Eurobarometer 334/Wave 72.3 - TNS Opinion & Social. Recuperado em 20 de setembro, 2011, de http://ec.europa.eu/index_pt.htm,

⁴⁶ American College of Sports Medicine (ed.) (1998). *ACSM Resource Manual for Guidelines for Exercise testing and Prescription* (3 Ed.)

realizar um programa de atividade física, no sentido de promover e manter sua saúde e reduzir o risco de doenças crónicas.

Com o objetivo de promover e manter a saúde, em adultos saudáveis dos 18 aos 25 anos, este necessitam de praticar atividades de intensidade moderada e com um mínimo 30 minutos, 5 dias por semana ou atividades intensas pelo menos 20 min, 3 vezes por semana. A ACSM, recomenda ainda uma combinação regular entre atividades moderadas e intensas. Por exemplo, uma pessoa pode cumprir esta recomendação se fizer uma caminhada rápida por 30 min, duas vezes na semana e depois correr 20 min, 2 vezes nos outros dias da semana.

3. Objeto, Objetivos e Hipóteses

3.1. Objeto de Estudo

Na qualidade de trabalhador dos Serviços de Acção Social da Universidade do Minho e sendo responsável pelo Departamento Desportivo e Cultural, tenho a preocupação diária de verificar a adequação da oferta dos serviços desportivos à procura existente, nomeadamente num segmento muito especial que são os estudantes do ensino superior.

É fundamental questionarmo-nos com regularidade e pensar se a oferta desportiva está de acordo com as motivações e necessidades dos estudantes que chegam à Universidade.

É claro que uma organização só terá um nível de eficiência e eficácia elevado se conhecer o público com que se deseja relacionar e desta forma atingir os seus objetivos, metas e cumprir a sua Missão.

Neste contexto, o nosso objeto de estudo situa-se no âmbito do Desporto Universitário, nomeadamente na oferta e procura desportiva dos estudantes do ensino superior, neste caso na Universidade do Minho.

Com este estudo pretende-se dar o nosso contributo, no sentido de preparar melhor a oferta dos serviços integrados em instituições de ensino superior, rentabilizando os meios existentes e contribuindo para o aumento da taxa de participação desportiva local e criar também, quanto possível, influência a nível nacional.

3.2. Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar a oferta e a procura desportiva de um segmento específico da Universidade do Minho, os alunos de 1º ano.

O campo de análise deste estudo incidirá sobre os estudantes matriculados no 1º ano da Universidade do Minho no ano letivo de 2010/2011.

3.3. Objetivos específicos

Como objetivos específicos deste estudo, definimos os seguintes:

- identificar a prática desportiva atual dos estudantes de primeiro ano e as modalidades que gostariam de vir a praticar na Universidade;
- identificar qual a relação de continuidade entre as práticas anteriores e desejadas na Universidade;
- identificar a relação entre o rendimento académico e o tipo de prática desportiva;
- identificar a relação entre o tempo de prática e o rendimento escolar ;
- identificar a relação entre a procura de atividades e a oferta disponível na Universidade do Minho.

3.4. Hipóteses formuladas

(H1) Existe uma relação de continuidade entre as práticas desportivas anteriores à entrada para o Ensino Superior e os desejos de prática na Universidade do Minho.

(H2) São os não praticantes desportivos federados que demonstram maior tendência para iniciar uma atividade física ou desportiva na Universidade do Minho.

(H3) Os praticantes desportivos federados entram com melhor classificação na Universidade do Minho do que os não praticantes.

(H4) Existem diferenças na classificação de entrada na Universidade do Minho e o tempo dedicado semanalmente à prática desportiva federada e a prática de atividade física nos tempos livres.

4. Metodologia

O estudo que apresentamos é descritivo visando caracterizar os estudantes sob a prática desportiva no acesso ao Ensino Superior, desta forma, neste capítulo descrevemos os procedimentos metodológicos aplicados.

4.1. Caracterização da amostra

A amostra é formada por 1940 sujeitos, dos 2583 estudantes inscritos no 1º ano da Universidade do Minho no ano letivo de 2010/2011, de ambos os sexos, desportistas e não-desportistas, de acordo com a distribuição referida na Tabela 5. O método de amostragem utilizado foi o probabilístico do tipo aleatório.

De referir que para efeitos deste estudo consideram-se como desportivas, os indivíduos praticantes de desporto inscritos em Federações Desportivas, ou seja, desportistas federados. As não desportistas incluem os indivíduos que não realizam nenhuma atividade física ou desportiva e os praticantes de atividade física e recreativa nos tempos livres.

Tabela 5 - Dimensão da amostra

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Desportista	164	20,3	68	6,0	232	12,0
Não desportista	645	79,7	1063	94,0	1708	88,0
TOTAL	809	100,0	1131	100,0	1940	100,0

A idade dos sujeitos varia entre os 17 e 41 anos ($18,3 \pm 2,17$ anos) e 17 e 27 anos ($18,3 \pm 1,69$ anos) para desportistas masculinos e femininos, respetivamente, e entre 17 e 51 anos ($19,1 \pm 3,54$ anos) e 17 e 43 anos ($18,6 \pm 2,63$ anos) para não-desportistas masculinos e femininos, respetivamente. A distribuição por estratos etários consta na Tabela 6.

Observamos pela dimensão da amostra na tabela 6, que 80,6% dos desportistas federados têm menos de 18 anos e que para o grupo dos não-desportista representa 71,7% para a mesma idade.

Tabela 6 - Dimensão da amostra

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Desportistas						
Menos de 18 anos	131	79,9	56	82,4	187	80,6
19-20 anos	25	15,3	8	11,8	33	14,2
21-22 anos	5	3,0	2	2,9	7	3,0
23 e mais anos	3	1,8	2	2,9	5	2,2
Total	164	100	68	100	232	100
Não Desportistas						
Menos de 18 anos	428	66,5	796	74,8	1224	71,7
19-20 anos	133	20,5	193	18,2	326	19,1
21-22 anos	32	5,0	32	3,0	64	3,7
23 e mais anos	52	8,0	42	4,0	94	5,5
Total	645	100	1063	100	1708	100

A proveniência geográfica dos sujeitos da amostra pode ser observada na Tabela 7 e da qual se observa que 68,2% dos desportistas federados são provenientes do Distrito de Braga, onde está localizada a Universidade do Minho e que para o grupo dos não-desportista representa 66,2% para o mesmo Distrito.

Tabela 7 - Distrito de proveniência dos sujeitos da amostra

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Desportistas						
Aveiro	4	2,4	2	2,9	6	2,6
Braga	117	71,5	41	60,2	158	68,2
Bragança	1	0,6	–	–	1	0,4
Guarda	–	–	1	1,5	1	0,4
Ilha dos Açores	–	–	1	1,5	1	0,4
Porto	25	15,2	15	22,1	40	17,2
Viana do Castelo	13	7,9	–	–	13	5,6
Vila Real	2	1,2	8	11,8	10	4,3
Viseu	2	1,2	–	–	2	0,9
Total	164	100	68	100	232	100

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Não Desportistas						
Aveiro	14	2,2	30	2,8	44	2,6
Braga	438	67,8	694	65,2	1132	66,2
Bragança	3	0,5	11	1,0	14	0,8
Castelo Branco	3	0,5	1	0,1	4	0,2
Coimbra	1	0,2	2	0,2	3	0,2
Faro	—	—	2	0,2	2	0,1
Guarda	1	0,2	2	0,2	3	0,2
Ilha da Madeira	6	0,9	5	0,5	11	0,6
Ilha dos Açores	2	0,3	7	0,7	9	0,5
Leiria	—	—	5	0,5	5	0,3
Lisboa	1	0,2	3	0,3	4	0,2
Portalegre	1	0,2	—	—	1	0,1
Porto	104	16,1	151	14,2	255	14,9
Santarém	2	0,3	4	0,4	6	0,4
Viana do Castelo	48	7,4	105	10,0	154	9,0
Vila Real	15	2,3	27	2,5	42	2,5
Viseu	6	0,9	12	1,1	18	1,1
Outro	—	—	1	0,1	1	0,1
Total	645	100	1062	100	1708	100

4.2. Instrumento

Pelas características do estudo e pela quantidade de estudantes a inquirir, a recolha de informação para a caracterização do estudo teve origem na aplicação de um questionário (Anexo A) de administração direta com perguntas maioritariamente de escolha múltipla.

Para evitar um retorno reduzido de questionários e, com o intuito de eliminar eventuais dificuldades de interpretação de questões, estivemos presentes na aplicação de todos os questionários e optamos por ler questão a questão aos estudantes e cujas respostas, com auxílio de computador, eram lançadas numa base de dados *excel*. Desta forma procuramos retirar todas as dúvidas que pudessem surgir.

O questionário utilizado foi adaptado de um estudo realizado por Sarmiento & Parente (1993)⁴⁷, com estudantes da Universidade do Porto.

⁴⁷ Sarmiento, J. P., & Parente, F. (1993). Sporting Habits of Oporto University Students. *Proceedings of the FISU Conference*, Buffalo, USA.

4.3. Procedimentos de aplicação

Para a aplicação dos questionários aos estudantes do 1º ano da Universidade do Minho, solicitou-se a necessária autorização aos Serviços Académicos desta instituição para que durante o ato de matrícula os sujeitos pudessem responder na nossa presença aos questionários.

Os questionários foram realizados entre os dias 13 e 17 de setembro de 2010, durante a fase de inscrição dos alunos do 1º ano referente o ano letivo 2010/2011.

4.4. Procedimentos Estatísticos

O nível de significância estatístico adotado foi de 5% ($p \leq 0,05$).

A análise exploratória de dados incidiu sobre a frequência absoluta (n) e frequência relativa (%).

A comparação entre dois grupos foi realizada pelo teste U Mann-Whitney, entre três ou mais grupos pelo teste de Kruskal-Wallis. Neste caso, a existência de diferenças estatisticamente significativas, foi analisada pelo post-hoc de Bonferroni.

A verificação da existência de relações de dependência, que podem ou não ser relações de causalidade, entre duas variáveis qualitativas, foi efetuada pelo teste de independência do qui-quadrado de Pearson, por intermédio do procedimento crosstabs. O teste do qui-quadrado pressupõe que nenhuma célula da tabela tenha frequência esperada inferior a 1 e que não mais do que 20% das células tenham frequência esperada inferior a 5 unidades. Ou seja, pretende-se que todas as células tenham frequência esperada superior a 1 e que 80% das células tenham frequência esperada superior a 5 unidades. Sempre que este pressuposto não foi garantido, analisou-se a relação entre as variáveis por recurso aos resíduos ajustados estandardizados, os quais informam sobre quais as células que têm comportamento significativamente diferente do esperado. Assim, o teste do qui-quadrado para as células que violaram o pressuposto obteve-se pela soma do quadrado dos seus resíduos estandardizados. Nos casos em que não foi possível a aplicação rigorosa do teste, recorreu-se ao teste do qui-quadrado com simulação de Monte Carlo, com um nível de confiança de 99%.

Todos os cálculos foram efetuados através do *softwear* estatístico *Statistical Package for Social Science* (SPSS 19.0).

5. Apresentação, análise e discussão dos resultados

5.1. Modalidade desportiva federada praticada na atualidade

Pela Tabela 8, observa-se que nos sujeitos do sexo masculino a prática desportiva federada situa-se principalmente nas modalidades dos jogos desportivos coletivos (Futebol 11, Futsal, Andebol e Basquetebol); as modalidades individuais registam menor expressão.

Nos sujeitos do sexo feminino, para além de algumas modalidades dos jogos desportivos coletivos (Futsal, Basquetebol e Voleibol), também a Natação surge como prática desportiva com presença relevante. Tal como nos homens, também aqui as modalidades desportivas individuais registam reduzida participação.

Tabela 8 - Prática desportiva federada atual dos sujeitos da amostra

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Andebol	11	6,7	1	1,5	12	5,2
Atletismo	3	1,8	3	4,4	6	2,6
Badminton	1	0,6	2	2,9	3	1,3
Basquetebol	8	4,9	10	14,7	18	7,8
Boxe	1	0,6	—	—	1	0,4
Canoagem	1	0,6	1	1,5	2	0,9
Ciclismo/BTT	4	2,4	—	—	4	1,7
Danças Desportivas	—	—	1	1,5	1	0,4
Equitação	—	—	1	1,5	1	0,4
Futebol 11	66	40,6	3	4,4	69	29,8
Futsal	18	11,0	13	19,1	31	13,4
Ginástica	—	—	1	1,5	1	0,4
Hóquei	3	1,8	—	—	3	1,3
Judo	2	1,2	—	—	2	0,9
Karaté	6	3,7	3	4,4	9	3,9
Karting	1	0,6	—	—	1	0,4
Kendo	1	0,6	1	1,5	2	0,9
Muay Thai	4	2,4	—	—	4	1,7
Natação	5	3,0	9	13,2	14	6,0
Orientação	1	0,6	—	—	1	0,4
Pólo Aquático	3	1,8	—	—	3	1,3
Rugby	5	3,0	2	2,9	7	3,0
Taekwondo	4	2,4	2	2,9	6	2,6
Ténis	7	4,3	3	4,4	10	4,3
Ténis de Mesa	1	0,6	—	—	1	0,4
Tiro/Tiro com Arco	1	0,6	—	—	1	0,4
Triatlo	1	0,6	1	1,5	2	0,9
Voleibol	3	1,8	11	16,2	14	6,0
Xadrez	3	1,8	—	—	3	1,3
Total	164	100	68	100	232	100

5.2. Tempo de atividade desportiva federada semanal

Pela Tabela 9, referente ao número de minutos de prática desportiva federada semanal, observa-se que nos dois grupos a maior parte dos sujeitos realiza entre “301-360 minutos”, seguem-se os intervalos “241-300 minutos” e “361-420 minutos”. Os intervalos extremos “menos de 180 minutos” e “mais de 420 minutos” registam frequências ínfimas no grupo do género masculino e nulas no género feminino. O intervalo “181-240 minutos” apresenta reduzida frequência nos dois grupos.

Tabela 9 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra com prática desportiva federada atual, por tempo (minutos) de treino semanal

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Menos de 180	2	1,2	–	–	2	0,9
181-240	13	7,9	10	14,7	23	9,9
241-300	48	29,3	16	23,5	64	27,6
301-360	74	45,1	26	38,3	100	43,1
361-420	26	15,9	16	23,5	42	18,1
Mais de 420	1	0,6	–	–	1	0,4
Total	164	100	68	100	232	100

Pela tabela 10, observa-se que os dois grupos apresentam valores médios similares e amplitude total semelhantes, sendo igualmente similar o coeficiente de variação (homens: CV=16,0; mulheres: CV=18,3) (média dispersão).

Tabela 10 - Média (M), desvio-padrão (DP), valores mínimo (Min) e Máximo (Max) do tempo despendido semanalmente em minutos de prática desportiva federada, em cada grupo da amostra

	MASCULINO (n=164)				FEMININO (n=68)				TOTAL (n=232)			
	M	DP	Min	Máx	M	DP	Min	Máx	M	DP	Min	Máx
Minutos de treino/semana	320,9	51,4	180	440	322,3	59,0	200	420	321,3	53,6	180	440

Pela Tabela 11, relativa aos minutos de treino semanal na prática desportiva federada, por modalidade, observa-se que em ambos os grupos, a generalidade da amostra realiza entre 240 a 360 minutos de prática desportiva por semana; nos homens, estes intervalos (“241-300” e

“301-360”) correspondem a 22 modalidades, enquanto nas mulheres correspondem a 13 modalidades desportivas. Nos homens, um denominador comum acontece com o facto da modalidade de Futebol 11 ser a mais frequente em todos os intervalos de tempo de treino, ao passo que nas mulheres a modalidade é variável. Apenas um atleta de Futsal e um de Atletismo, ambos do sexo masculino, realizam “menos de 180 minutos”/semana, e apenas um nadador realiza “mais de 420 minutos”/semana.

Por intervalo de tempo de treino semanal, as modalidades com maior frequência são:

- a) “180-240 minutos”: Homens: Futebol 11 ($n=5$; 3,0%) (homens); Mulheres: Futsal ($n=4$; 5,9%).
- b) “241-300 minutos”: Homens: Futebol 11 ($n=18$; 11,0%); Mulheres: Basquetebol ($n=4$; 5,9%).
- c) “301-360 minutos”: Homens: Futebol 11 ($n=34$; 20,7%); Mulheres: Voleibol ($n=8$; 11,8%).
- d) “361-420 minutos”: Homens: Futebol 11 ($n=9$; 5,5%); Mulheres: Natação ($n=6$; 8,8%).

Tabela 11 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra com prática desportiva federada atual, por intervalo de minutos de treino semanal.

	HOMENS												MULHERES											
	<180		181-240		241-300		301-360		361-420		>420		<180		181-240		241-300		301-360		361-420		>420	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Andebol	–	–	–	–	2	1,2	8	4,9	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	–	–
Atletismo	1	0,6	–	–	1	0,6	1	0,6	–	–	–	–	–	–	1	1,5	–	–	1	1,5	1	1,5	–	–
Badminton	–	–	–	–	–	–	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	1	1,5	–	–	–	–	
Basquetebol	–	–	–	–	5	3,0	2	1,2	1	0,6	–	–	–	–	2	2,9	4	5,9	3	4,4	1	1,5	–	–
Boxe	–	–	–	–	–	–	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	
Canoagem	–	–	–	–	–	–	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	–	–
Ciclismo/BTT	–	–	–	–	–	–	–	–	4	2,4	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Danças Desportivas	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	–	–	–	–	–	–	–
Equitação	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	–	–	–	–	–	–	–	–
Futebol 11	–	–	5	3,0	18	11,0	34	20,7	9	5,5	–	–	–	–	–	–	–	2	2,9	1	1,5	–	–	
Futsal	1	0,6	3	1,8	8	4,9	5	3,0	1	0,6	–	–	–	–	4	5,9	3	4,4	5	7,4	1	1,5	–	–
Ginástica	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	–	–	–	–
Hóquei	–	–	–	–	–	–	2	1,2	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Judo	–	–	1	0,6	–	–	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Karaté	–	–	1	0,6	3	1,8	2	1,2	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	–	–	2	2,9	–	–	
Karting	–	–	–	–	–	–	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Kendo	–	–	–	–	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	–	–	–	–	–	–	–	–
Muay Thai	–	–	–	–	–	–	2	1,2	2	1,2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Natação	–	–	–	–	–	–	1	0,6	3	1,8	1	0,6	–	–	1	1,5	–	–	2	2,9	6	8,8	–	–
Orientação	–	–	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Pólo Aquático	–	–	–	–	1	0,6	2	1,2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Rugby	–	–	–	–	2	1,2	3	1,8	–	–	–	–	–	–	–	2	2,9	–	–	–	–	–	–	–
Taekwondo	–	–	–	–	–	–	2	1,2	2	1,2	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	1	1,5	–	–	
Tênis	–	–	1	0,6	3	1,8	3	1,8	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	2	2,9	–	–	–	–	
Tênis de Mesa	–	–	–	–	–	–	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	
Tiro/Tiro com Arco	–	–	–	–	–	–	–	–	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	
Triatlo	–	–	–	–	–	–	–	–	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1,5	–	–
Voleibol	–	–	–	–	2	1,2	1	0,6	–	–	–	–	–	–	–	3	4,4	8	11,8	–	–	–	–	
Xadrez	–	–	1	0,6	2	1,2	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	
TOTAL	2	1,2	13	7,9	48	29,3	74	45,1	26	15,9	1	0,6	0	0	10	14,7	16	23,5	26	38,2	16	23,5	0	0

5.3. Modalidade desportiva federada praticada anteriormente

Pela Tabela 12, relativa ao número de modalidades desportivas federadas que os sujeitos da amostra já praticaram, observa-se que nos dois grupos, com frequências relativas semelhantes, a maioria apenas praticou uma modalidade, seguem-se duas modalidades e com frequência reduzida, três modalidades.

Tabela 12 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra em função do número de modalidades desportivas federadas praticadas anteriormente

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
1 Modalidade	329	83,1	187	85,8	516	84,0
2 Modalidades	60	15,2	26	11,9	86	14,0
3 Modalidades	7	1,8	5	2,3	12	2,0
TOTAL	396	100,0	218	100,0	620	100,0

Pela Tabela 13, referente à frequência absoluta e relativa de sujeitos por modalidade desportiva federada já praticada, observa-se que em cada grupo as modalidades com mais elevadas taxas de participação são:

HOMENS:

- a) Futebol 11 (n=139; 35,1%)
- b) Natação (n=43; 10,9%)
- c) Andebol (n=34; 8,4%)
- d) Basquetebol (n=31; 7,8%)
- e) Karaté (n=23; 5,8%)

MULHERES:

- a) Natação (n=53; 24,3%)
- b) Voleibol (n=31; 14,2%)
- c) Basquetebol (n=27; 12,4%)
- d) Futsal (n=20; 9,2%)
- e) Futebol 11 (n=14; 6,4%)

De referir o facto de 516 sujeitos dos 1940 terem tido prática desportiva federada anterior à entrada para o Ensino Superior, em pelo menos uma modalidade e que não mantêm atualmente, representando um total de 26% dos sujeitos da amostra (40% para os homens e 16% para as mulheres).

Tabela 13 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra por modalidade desportiva federada praticada anteriormente

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Andebol	34	8,6	11	5,0	45	7,3
Atletismo	15	3,8	9	4,1	24	3,9
Badminton	7	1,8	1	0,5	8	1,3
Basebol	1	0,3	–	–	1	0,2
Basquetebol	31	7,8	27	12,4	58	9,4
Boxe	2	0,5	–	–	2	0,3
Canoagem	4	1,0	3	1,4	7	1,1
Capoeira	–	–	1	0,5	1	0,2
Ciclismo/BTT	3	0,7	–	–	3	0,5
Danças Desportivas	–	–	5	2,3	5	0,8
Desportos Náuticos	–	–	1	0,5	1	0,2
Equitação	1	0,3	2	0,9	3	0,5
Escalada	–	–	1	0,4	1	0,2
Futebol 11	139	35,1	14	6,4	153	24,9
Futsal	20	5,1	20	9,2	40	6,5
Ginástica	3	0,8	6	2,8	9	1,5
Hóquei	6	1,5	1	0,5	7	1,1
Judo	7	1,7	–	–	7	1,1
Karaté	23	5,8	10	4,6	33	5,4
Karting	–	–	1	0,5	1	0,2
Kung-Fu	1	0,3	–	–	1	0,2
Muay Thai	3	0,8	–	–	3	0,5
Musculação	1	0,3	–	–	1	0,2
Natação	43	10,9	53	24,3	96	15,6
Orientação	1	0,3	–	–	1	0,2
Patinagem	2	0,4	1	0,5	3	0,5
Pólo Aquático	1	0,3	–	–	1	0,2
Remo	2	0,5	1	0,5	3	0,5
Rugby	3	0,8	–	–	3	0,5
Taekwondo	7	1,7	4	1,8	11	1,8
Ténis	20	5,1	12	5,5	32	5,1
Ténis de Mesa	2	0,4	1	0,4	3	0,5
Voleibol	9	2,2	31	14,2	40	6,5
Xadrez	5	1,2	2	0,8	7	1,1
Total	396	100	218	100	614	100

5.4. Modalidade desportiva praticada no desporto escolar

Pela Tabela 14, relativa ao número de modalidades desportivas do desporto escolar que os sujeitos da amostra já praticaram, observa-se que nos dois grupos, com frequências relativas semelhantes, a maioria apenas praticou uma modalidade, seguem-se duas e três modalidades, e com frequência reduzida, quatro e cinco modalidades.

Tabela 14 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra em função do número de modalidades desportivas já praticadas no desporto escolar

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
1 Modalidade	317	72,9	375	75,3	692	74,2
2 Modalidades	78	17,9	92	18,5	170	18,2
3 Modalidades	28	6,4	24	4,8	52	5,6
4 Modalidades	8	1,8	6	1,2	14	1,5
5 Modalidades	4	0,9	1	0,2	5	0,5
TOTAL	435	100	499	100	933	100

Pela Tabela 15, referente à frequência absoluta e relativa de sujeitos por modalidade desportiva do desporto escolar já praticada, observa-se que em cada grupo as modalidades com mais elevadas taxas de participação foram:

HOMENS:

- a) Futsal ($n=163$; 37,6%)
- b) Andebol ($n=50$; 11,5%)
- c) Basquetebol ($n=43$; 9,9%)
- d) Voleibol ($n=40$; 9,2%)
- e) Atletismo ($n=30$; 6,9%)

MULHERES:

- a) Voleibol ($n=152$; 30,5%)
- b) Futsal ($n=89$; 17,8%)
- c) Natação ($n=47$; 9,4%)
- d) Basquetebol ($n=46$; 9,2%)
- e) Atletismo ($n=34$; 6,8%)

De referir o facto de 692 sujeitos dos 1490 terem tido prática desportiva no âmbito do Desporto Escolar anterior à entrada para o Ensino Superior, em pelo menos uma modalidade, o que representa um total de 36% dos sujeitos da amostra (39% para os homens e 33% para as mulheres). As mulheres demonstram um valor relativo muito próximo do dos homens na prática anterior de Desporto Escolar.

Tabela 15 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra por modalidade já praticada no desporto escolar

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Aeróbica	–	–	8	1,6	8	0,9
Aikido	1	0,2	–	–	1	0,1
Andebol	50	11,5	24	4,8	74	7,9
Atletismo	30	6,9	34	6,8	64	6,9
Badminton	35	8,1	24	4,8	59	6,3
Basebol	1	0,2	1	0,2	2	0,2
Basquetebol	43	9,9	46	9,2	89	9,5
Boxe	1	0,2	–	–	1	0,1
Canoagem	2	0,5	2	0,4	4	0,4
Ciclismo/BTT	1	0,2	–	–	1	0,1
Corfebol	2	0,5	1	0,2	3	0,3
Danças Desportivas	–	–	3	0,6	3	0,3
Danças Modernas	1	0,2	4	0,8	5	0,5
Danças Tradicionais	1	0,2	–	–	1	0,1
Danças Urbanas	–	–	7	1,4	7	0,8
Equitação	–	–	1	0,2	1	0,1
Escalada	–	–	6	1,2	6	0,6
Futsal	163	37,6	89	17,9	252	27,1
Ginástica	5	1,2	20	4,0	25	2,7
Golfe	–	–	1	0,2	1	0,1
Halterofilismo	1	0,2	–	–	1	0,1
Judo	2	0,5	1	0,2	3	0,3
Musculação	–	–	2	0,4	2	0,2
Natação	26	6,0	47	9,4	73	7,8
Orientação	5	1,2	5	1,0	10	1,1
Patinagem	1	0,2	3	0,6	4	0,4
Pólo Aquático	–	–	1	0,2	1	0,1
Rugby	2	0,5	2	0,4	4	0,4
Tênis	4	0,9	6	1,2	10	1,1
Tênis de Mesa	14	3,2	4	0,8	18	1,9
Tiro/Tiro com Arco	–	–	3	0,6	3	0,3
Voleibol	40	9,2	152	30,5	192	20,8
Xadrez	3	0,7	2	0,4	5	0,5
Total	434	100	499	100	933	100

5.5. Modalidade desportiva que pratica nos tempos livres

Pela Tabela 16, relativa ao número de modalidades desportivas nos tempos livres que os sujeitos da amostra praticam atualmente, observa-se que nos dois grupos, a maioria apenas pratica uma modalidade, seguem-se duas e três modalidades, e com frequência reduzida, quatro e cinco modalidades.

Tabela 16 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra em função do número de modalidades que pratica atualmente nos tempos livres

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
1 Modalidade	495	63,9	403	74,4	898	68,2
2 Modalidades	195	25,2	103	19,0	298	22,6
3 Modalidades	65	8,4	26	4,8	91	6,9
4 Modalidades	14	1,8	8	1,5	22	1,7
5 Modalidades	6	0,8	2	0,4	8	0,6
TOTAL	775	100	542	100	1317	100,0

Pela Tabela 17, referente à frequência absoluta e relativa de sujeitos por modalidade desportiva que pratica nos tempos livres, observa-se que em cada grupo as modalidades com mais elevadas taxas de participação foram:

HOMENS:

- a) Futebol 11 (n=217; 28,0%)
- b) Futsal (n=151; 19,5%)
- c) Natação (n=68; 8,8%)
- d) Ciclismo/BTT (n=67; 8,6%)
- e) Musculação (n=58; 7,5%)

MULHERES:

- a) Natação (n=116; 21,4%)
- b) Musculação (n=57; 10,5%)
- c) Caminhar/Andar (n=50; 9,2%)
- d) Voleibol (n=44; 8,1%)
- e) Ciclismo/BTT (n=32; 5,9%)

Verifica-se que 898 sujeitos dos 1940 praticam pelo menos uma atividade física nos tempos livres, ou seja 46% dos sujeitos da amostra (61% para os homens e 35% para as mulheres).

Tabela 17 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra por modalidade que pratica atualmente nos tempos livres

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Aeróbica	—	—	10	1,8	10	0,8
Aikido	1	0,1	—	—	1	0,1
Andebol	9	1,2	6	1,1	15	1,1
Atletismo	39	5,0	28	5,2	67	5,1
Badminton	2	0,3	6	1,1	8	0,6
Basquetebol	31	4,0	12	2,2	43	3,3
Bilhar	1	0,1	1	0,2	2	0,2
Boxe	2	0,3	2	0,4	4	0,2
Caminhar/Andar	9	1,2	50	9,2	59	4,5
Canoagem	6	0,8	3	0,6	9	0,7
Capoeira	1	0,1	1	0,2	2	0,2
Ciclismo/BTT	67	8,7	32	5,9	99	7,4
Corfebol	1	0,1	—	—	1	0,1
Danças Desportivas	1	0,1	13	2,4	14	1,1
Danças Modernas	—	—	25	4,6	25	1,9
Danças Sociais	—	—	4	0,7	4	0,3
Danças Tradicionais	—	—	5	0,9	5	0,3
Danças Urbanas	1	0,1	7	1,3	8	0,5
Desportos Náuticos	1	0,1	1	0,2	2	0,2
Equitação	—	—	16	3,0	16	1,2
Escalada	2	0,3	1	0,2	3	0,2
Futebol 11	217	28,0	26	4,8	243	18,5
Futsal	151	19,5	26	4,8	177	13,4
Ginástica	1	0,1	13	2,4	14	1,1
Golfe	2	0,3	—	—	2	0,2
Hóquei	2	0,3	—	—	2	0,2
Jiu-Jitsu	1	0,1	1	0,2	2	0,2
Judo	3	0,4	—	—	3	0,2
Karaté	4	0,5	5	0,9	9	0,7
Karting	1	0,1	—	—	1	0,1
Kung-Fu	2	0,3	—	—	2	0,2
Muay Thai	5	0,6	—	—	5	0,3
Musculação	58	7,5	57	10,5	115	8,7
Natação	68	8,8	116	21,3	184	14,0
Orientação	1	0,1	1	0,2	2	0,2
Patinagem	1	0,1	2	0,4	3	0,2
Pólo Aquático	1	0,1	—	—	1	0,1
Remo	1	0,1	—	—	1	0,1
Rugby	9	1,2	2	0,4	11	0,7
Shirinji Kempo	—	—	1	0,2	1	0,1
Squash	1	0,1	—	—	1	0,1
Taekwondo	4	0,6	1	0,2	5	0,3
Ténis	44	5,7	21	3,8	65	4,9
Ténis de Mesa	6	0,8	2	0,4	8	0,6
Tiro/Tiro com Arco	1	0,1	—	—	1	0,1
Todo-Terreno (Mota)	1	0,1	—	—	1	0,1
Triatlo	1	0,1	1	0,2	2	0,2
Viet Vo Dao	1	0,1	—	—	1	0,1
Voleibol	11	1,4	44	8,1	55	4,2
Xadrez	3	0,4	—	—	3	0,2
Total	775	100	542	100	1317	100

Pela Tabela 18, referente ao número de minutos semanal de atividade física nos tempos livres, observa-se que os intervalos “61-90 minutos” e “91-120 minutos” registam as maiores frequências nos dois grupos. Igualmente relevante, está a frequência considerável de sujeitos de ambos os sexos, ainda que mais expressivo no grupo das mulheres ($n=728$; 64,3%) comparativamente aos homens ($n=314$; 38,8%), que não destinam qualquer tempo semanal à prática de atividade física.

Tabela 18 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) em cada intervalo de tempo (minutos) de sujeitos da amostra com prática de atividade física nos tempos livres

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
<60	75	9,3	30	2,7	105	5,4
61-90	127	15,7	99	8,8	226	11,6
91-120	118	14,6	161	14,2	279	14,4
121-150	13	1,6	4	0,4	17	0,9
151-180	83	10,3	71	6,3	154	7,9
181-210	43	5,3	21	1,9	64	3,3
211-240	25	3,1	16	1,4	41	2,1
>240	11	1,4	1	0,1	12	0,6
Sem Prática	314	38,7	728	64,2	1042	53,8
Total	809	100	1131	100	1940	100

5.6. Tempo de prática de atividade física semanal nos tempos livres

Pela Tabela 19, relativa à variável “minutos de atividade física semanal nos tempos livres”, em escala quantitativa, observa-se a proximidade dos valores médios dos dois grupos da amostra, ainda que ambos com elevada dispersão ($CV>30$), o que é revelador da heterogeneidade da amostra em relação ao tempo de ocupação dos tempos livres com uma atividade físico-desportiva.

Tabela 19 - Média (M), desvio-padrão (DP), valores mínimo (Min) e Máximo (Max) do tempo despendido em minutos de prática de atividade física nos tempos livres

	MASCULINO (<i>n=495</i>)				FEMININO (<i>n=403</i>)				TOTAL (<i>n=898</i>)			
	M	DP	Min	Máx	M	DP	Min	Máx	M	DP	Min	Máx
Minutos de treino/semana	130,7	58,03	60	360	127,5	46,77	60	380	129,2	53,27	60	380

5.7. Modalidade desportiva que gostaria de praticar na Universidade do Minho (UM)

Pela Tabela 20, relativa ao número de modalidades desportivas que os sujeitos não desportistas da amostra que gostariam de praticar na Universidade do Minho, observa-se que nos dois grupos, com frequências relativas semelhantes, a maioria gostaria de se envolver em apenas uma modalidade, seguem-se duas e três modalidades.

Tabela 20 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos não desportistas da amostra em função do número de modalidades que gostaria de praticar na UM

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
1 Modalidade	439	64,9	597	67,9	1036	66,6
2 Modalidades	180	26,6	209	23,8	389	25
3 Modalidades	57	8,4	73	8,3	130	8,4
TOTAL	676	100	879	100	1555	100

Pela Tabela 21, referente à frequência absoluta e relativa de sujeitos não desportistas da amostra por modalidade que gostaria de praticar na UM, observa-se que em cada grupo as modalidades com mais elevadas taxas de participação foram:

HOMENS:

- a) Futebol 11 (n=130; 19,2%)
- b) Futsal (n=118; 17,5%)
- c) Musculação (n=61; 9%)
- d) Basquetebol (n=50; 7,4%)
- e) Natação (n=39; 5,8%)
- f) Andebol (n=38; 5,6%)

MULHERES:

- a) Voleibol (n=166; 18,9%)
- b) Natação (n=117; 13,3%)
- c) Escalada (n=64; 7,3%)
- d) Futsal (n=58; 6,6%)
- e) Basquetebol (n=49; 5,6%)
- f) Andebol (n=34; 3,9%)

Verifica-se que 1036 sujeitos não desportistas dos 1708 gostariam de praticar pelo menos uma atividade física nos tempos livres, ou seja 60% dos sujeitos da amostra (68% para os homens e 56% para as mulheres).

Tabela 21 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos não desportistas da amostra por modalidade que gostaria de praticar na UM

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Aeróbica	-	0,0	34	3,9	34	2,2
Aikido	5	0,7	-	0,0	5	0,3
Andebol	38	5,6	34	3,9	48	3,1
Atletismo	15	2,2	10	1,1	25	1,6
Badminton	17	2,5	29	3,3	46	3,0
Basebol	2	0,3	-	0,0	2	0,1
Basquetebol	50	7,4	49	5,6	99	6,4
Biatlo	-	0,0	1	0,1	1	0,1
Bilhar	8	1,2	10	1,1	18	1,2
Boxe	4	0,6	13	1,5	17	1,1
Caminhar/Andar	-	0,0	24	2,7	24	1,5
Canoagem	4	0,6	5	0,6	9	0,6
Capoeira	3	0,4	2	0,2	5	0,3
Ciclismo/BTT	20	3,0	4	0,5	24	1,5
Danças Desportivas	2	0,3	19	2,2	21	1,4
Danças Modernas	3	0,4	30	3,4	33	2,1
Danças Sociais	-	0,0	6	0,7	6	0,4
Danças Tradicionais	1	0,1	3	0,3	4	0,3
Danças Urbanas	3	0,4	9	1,0	12	0,8
Desportos Náuticos	1	0,1	1	0,1	2	0,1
Equitação	2	0,3	11	1,3	13	0,8
Escalada	9	1,3	64	7,3	73	4,7
Esgrima	7	1,0	5	0,6	12	0,8
Esqui	1	0,1	2	0,2	3	0,2
Futebol 11	130	19,2	26	3,0	156	10,0
Futsal	118	17,5	58	6,6	176	11,3
Ginástica	3	0,4	25	2,8	28	1,8
Golfe	2	0,3	5	0,6	7	0,5
Halterofilismo	1	0,1	-	0,0	1	0,1
Hóquei em campo	1	0,1	-	0,0	1	0,1
Jiu-Jitsu	2	0,3	5	0,6	7	0,5
Judo	5	0,7	2	0,2	7	0,5
Karaté	7	1,0	5	0,6	12	0,8
Karting	6	0,9	-	0,0	6	0,4
Kendo	1	0,1	-	0,0	1	0,1
Kung-Fu	8	1,2	1	0,1	9	0,6
Lutas Amadoras	1	0,1	-	0,0	1	0,1
Muay Thai	15	2,2	9	1,0	24	1,5
Musculação	61	9,0	25	2,8	86	5,5

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Natação	39	5,8	117	13,3	156	10,0
Ninjutsu	1	0,1	1	0,1	2	0,1
Orientação	4	0,6	3	0,3	7	0,5
Patinagem	1	0,1	7	0,8	8	0,5
Pólo Aquático	1	0,1	3	0,3	4	0,3
Remo	2	0,3	3	0,3	5	0,3
Rugby	19	2,8	1	0,1	20	1,3
Squash	2	0,3	2	0,2	4	0,3
Taekwondo	5	0,7	5	0,6	10	0,6
Tai Chi Chuan	1	0,1	8	0,9	9	0,6
Tênis	32	4,7	25	2,8	57	3,7
Tênis de Mesa	6	0,9	3	0,3	9	0,6
Tiro/Tiro com Arco	-	0,0	4	0,5	4	0,3
Todo-Terreno (Jipe)	1	0,1	-	0,0	1	0,1
Todo-Terreno (Mota)	1	0,1	1	0,1	2	0,1
Triatlo	1	0,1	-	0,0	1	0,1
Voleibol	23	3,4	166	18,9	189	12,2
Voo Livre	1	0,1	1	0,1	2	0,1
Xadrez	4	0,6	3	0,3	7	0,5
Total	676	100,0	879	100,0	1555	100,0

Pela Tabela 22, relativa ao número de modalidades desportivas que os sujeitos desportistas da amostra que gostariam de praticar na Universidade do Minho, observa-se que nos dois grupos, com frequências relativas semelhantes, a maioria gostaria de se envolver em apenas uma modalidade, seguem-se duas e três modalidades.

Tabela 22 - Frequência absoluta (*n*) e relativa (%) de sujeitos desportistas federados da amostra em função do número de modalidades que gostaria de praticar na UM

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
1 Modalidade	137	63,4	59	72,0	196	65,8
2 Modalidades	60	27,8	18	22,0	78	26,2
3 Modalidades	19	8,8	5	6,1	24	8,1
TOTAL	216	100	82	100,0	298	100,0

Pela Tabela 23, referente à frequência absoluta e relativa de sujeitos desportistas da amostra por modalidade que gostaria de praticar na UM, observa-se que em cada grupo as modalidades com mais elevadas taxas de participação foram:

HOMENS:

- g) Futebol 11 ($n=51$; 23,6%)
- h) Futsal ($n=40$; 18,5%)
- i) Andebol ($n=38$; 5,6%)
- j) Musculação ($n=15$; 6,9%)
- k) Basquetebol ($n=14$; 6,5%)
- l) Natação ($n=13$, 6%)

MULHERES:

- g) Voleibol ($n=15$; 18,3%)
- h) Natação ($n=13$; 15,9%)
- i) Escalada ($n=13$, 15,9%)
- j) Natação ($n=7$; 8,5%)
- k) Atletismo ($n=6$; 7,3%)
- l) Rugby ($n=4$; 4,9%)

Verifica-se que 196 sujeitos dos 232, ou seja, 84% do total dos desportistas federados desejam continuar essa prática na Universidade do Minho, (84% para os homens e 86% para as mulheres).

Tabela 23 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos desportistas da amostra por modalidade que gostaria de praticar na UM

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Aikido	1	0,5	-	-	1	0,3
Andebol	15	6,9	3	3,7	18	6
Atletismo	5	2,3	6	7,3	11	3,7
Badminton	3	1,4	2	2,4	5	1,7
Basquetebol	14	6,5	13	15,9	27	9,1
Boxe	1	0,5	-	-	1	0,3
Boxe	1	0,5	-	-	1	0,3
Canoagem	2	0,9	1	1,2	3	1
Ciclismo/BTT	1	0,5	-	-	1	0,3
Danças Desportivas	-	-	2	2,4	2	0,7
Danças Modernas	-	-	1	1,2	1	0,3
Danças Urbanas	-	-	1	1,2	1	0,3

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Equitação	1	0,5	-	-	1	0,3
Escalada	1	0,5	1	1,2	2	0,7
Futebol 11	51	23,6	1	1,2	52	17,4
Futsal	40	18,5	13	15,9	53	17,8
Golfe	1	0,5	-	-	1	0,3
Hóquei em Campo	2	0,9	-	-	2	0,7
Judo	2	0,9	2	2,4	4	1,3
Karaté	2	0,9	2	2,4	4	1,3
Karting	2	0,9	-	-	2	0,7
Kendo	1	0,5	-	-	1	0,3
Muay Thai	2	0,9	-	-	2	0,7
Musculação	13	6	1	1,2	14	4,7
Natação	11	5,1	7	8,5	18	6
Orientação	1	0,5	-	-	1	0,3
Patinagem	-	-	1	1,2	1	0,3
Pólo Aquático	3	1,4	-	0	3	1
Rugby	9	4,2	4	4,9	13	4,4
Squash	1	0,5	-	-	1	0,3
Taekwondo	3	1,4	2	2,4	5	1,7
Ténis	9	4,2	3	3,7	12	4
Ténis de Mesa	3	1,4	-	-	3	1
Triatlo	-	-	1	1,2	1	0,3
Voleibol	12	5,6	15	18,3	27	9,1
Xadrez	3	1,4	0	-	3	1
Total	216	100	82	100	298	100

5.8. Nota de candidatura de acesso ao ensino superior

5.8.1. Não-Desportistas

Pela Tabela 24, relativa à nota de candidatura de acesso ao ensino superior dos sujeitos não-desportistas, observa-se que nos dois grupos a maior parte dos sujeitos obteve entre “141 e 160,9 pontos”. Nos homens, a frequência de sujeitos nos intervalos “121-140,9 pontos” e “161-180,9 pontos” é equilibrada. Neste grupo, verifica-se ainda que a frequência de sujeitos é mais elevada no intervalo “181-200 pontos” do que no intervalo “≤120 pontos”. No género feminino, a segunda posição é ocupada pelo intervalo “161-180,9 pontos”, seguindo-se os intervalos “121-140,9 pontos”, “181-200 pontos” e, por último, o intervalo de classificação “≤120

pontos”. A nota mínima de classificação para os sujeitos do nosso universo foi de 95 pontos e a máxima de 196 pontos, numa escala de 0 a 200.

Tabela 24 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos não-desportistas, por intervalo de nota de candidatura

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
≤ 120	21	3,3	20	1,9	41	2,4
121-140,9	156	24,2	195	18,4	351	20,6
141-160,9	256	39,7	403	38,1	659	38,7
161-180,9	160	24,8	343	32,4	503	29,5
181-200	52	8,1	98	9,3	150	8,8
TOTAL	645	100,0	1059	100,0	1704	100,0

5.8.2. Desportistas

Pela Tabela 25, observa-se que quer os homens quer as mulheres desportistas se distribuem maioritariamente pelas classificações “141-160,9 pontos” e “161-180,9 pontos”. As classificações inferiores a 120 pontos encontram-se, nos dois grupos, em frequências residuais.

Tabela 25 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos -desportistas, por intervalo de nota de candidatura

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
≤ 120	3	1,85	1	1,47	4	1,74
121-140,9	34	20,99	8	11,76	42	18,26
141-160,9	62	38,27	32	47,06	94	40,87
161-180,9	49	30,25	20	29,41	69	30,00
181-200	14	8,64	7	10,29	21	9,13
TOTAL	162	100	68	100	230	100

Pela Tabela 26, referente à frequência absoluta e relativa de sujeitos desportistas, de ambos os sexos, em cada um dos intervalos de classificação de acesso ao ensino superior, observa-se que

a amostra de sujeitos do sexo masculino é proveniente de 27 modalidades desportivas, ao passo que os sujeitos do sexo feminino provêm de 18 modalidades. Nos homens, os praticantes de Futebol 11 predominam em todos os intervalos de classificação, seguindo-se os atletas de Futsal (nesta modalidade não estão registadas frequências nos intervalos extremos); nas mulheres, regista-se apenas uma praticante de Natação no intervalo “ ≤ 120 pontos”, um grupo de várias modalidades, com apenas um sujeito, no intervalo “121-140,9 pontos”, uma mais elevada frequência de atletas de Futsal ($n=7$; 10,3%) e de Natação ($n=5$; 7,4%) no intervalo “141-160,9 pontos”, uma maior presença de praticantes de Basquetebol ($n=5$; 7,4%) e de Futsal ($n=5$; 7,4%) no intervalo “161-180,9 pontos”, o intervalo de classificação mais elevado, ainda que a presença seja residual, as modalidades mais representadas são o basquetebol ($n=2$; 2,9%) e o Ténis ($n=2$; 2,9%).

Oferta e procura desportiva dos estudantes do ensino superior

Tabela 26 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra com prática desportiva federada atual, por intervalo de nota de candidatura

	HOMENS						MULHERES					
	≤ 120	121-140,9	141-160,9	161-180,9	181-200	NR	≤ 120	121-140,9	141-160,9	161-180,9	181-200	NR
	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n	n
Andebol	–	4	4	2	1	–	–	1	–	–	–	–
Atletismo	–	–	1	2	–	–	–	–	1	2	–	–
Badminton	–	1	–	–	–	–	–	–	1	1	–	–
Basquetebol	–	1	2	3	1	1	–	1	2	5	2	–
Boxe	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Canoagem	–	–	1	–	–	–	–	1	–	–	–	–
Ciclismo/BTT	–	1	1	2	–	–	–	–	–	–	–	–
Danças Desportivas	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–
Equitação	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–
Futebol 11	1	13	29	18	5	–	–	–	2	–	1	–
Futsal	–	7	7	4	–	–	–	1	7	5	–	–
Ginástica	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–	–
Hóquei	–	–	1	1	–	1	–	–	–	–	–	–
Judo	–	1	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Karatê	–	1	2	3	–	–	–	–	2	1	–	–
Karting	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–
Kendo	–	1	–	–	–	–	–	–	1	–	–	–
Muay Thai	1	1	2	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Natação	–	–	–	2	3	–	1	–	5	2	1	–
Orientação	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–
Pólo Aquático	–	–	1	2	–	–	–	–	–	–	–	–
Rugby	–	1	3	1	–	–	–	1	1	–	–	–
Taekwondo	–	–	1	2	1	–	–	–	1	1	–	–
Tênis	1	1	3	1	1	–	–	–	1	–	2	–
Tênis de Mesa	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–
Tiro/Tiro com Arco	–	–	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–
Triatlo	–	–	–	1	–	–	–	–	1	–	–	–
Voleibol	–	–	1	2	–	–	–	1	6	3	1	–
Xadrez	–	–	1	1	1	–	–	–	–	–	–	–
TOTAL	3	34	62	49	14	2	1	8	32	20	7	0

NR – não respondeu

5.8.3. Nota de candidatura ao ensino superior dos desportistas de ambos os géneros, por modalidade desportiva

Pela Tabela 27, observa-se que nos dois grupos, masculino e feminino, a nota de candidatura, de desportistas e não-desportistas, é superior a 150 pontos e que a dispersão dos sujeitos em torno da média é fraca ($CV < 15$). Também é visível a proximidade dos valores médios entre desportistas e não-desportistas.

Tabela 27 - Média (M), desvio-padrão (DP), valores mínimo (Mín) e Máximo (Max) da nota de candidatura, dos sujeitos desportistas e não-desportistas

	<i>MASCULINO</i>				<i>FEMININO</i>				<i>TOTAL</i>			
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>
Nota de candidatura dos Desportistas	154,8	17,80	112	191	157,5	16,40	116	194	155,6	17,40	112	194
Nota de candidatura dos Não-Desportistas	152,5	18,00	95	195	156,0	17,09	102	196	154,6	17,54	95	196

5.9. Escola a frequentar

Pela Tabela 28, referente à Escola da Universidade do Minho a frequentar, observa-se que os desportistas do sexo masculino frequentam maioritariamente a Escola de Engenharia ($n=75$; 45,7%), seguindo-se as Escolas de Ciências ($n=25$; 15,2%) e de Economia e Gestão ($n=22$; 13,4%), ao passo que os desportistas do sexo feminino distribuem-se equitativamente ($n=13$; 19,1%) pelas Escolas de Ciências, Engenharia e Economia e Gestão. Com presenças residuais estão as Escolas de Arquitetura (mulheres), Educação (homens) e Superior de Enfermagem (homens e mulheres). Contudo, as Escolas de Direito e de Psicologia (homens e mulheres) e Ciências da Saúde (mulheres) registam reduzidas frequências nos dois grupos. Nos desportistas, as Escolas com menor frequência de participação é a de Arquitetura (mulheres), Educação (homens), Superior de Enfermagem, Direito e Psicologia (homens e mulheres).

Em relação à amostra de não-desportistas, nos homens predomina, claramente, a frequência da Escola de Engenharia ($n=290$; 45,0%), seguindo-se as Escolas de Ciências ($n=95$; 14,7%) e de Economia e Gestão ($n=91$; 14,1%). Nas mulheres, a maior parte frequenta a Escola de Ciências ($n=210$; 19,8%), seguido das Escolas de Engenharia ($n=158$; 14,9%) e de Economia e Gestão

($n=156$; 14,7%). Nos não-desportistas, as Escolas com mais reduzida taxa de frequência são a Superior de Enfermagem, Educação e Psicologia (homens) e Arquitetura e Psicologia (mulheres).

Tabela 28 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra, desportistas e não-desportistas, a frequentarem cada uma das escolas da UM

	Masculino		Feminino		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Desportistas						
Escola de Arquitetura	6	3,7	1	1,5	7	3,0
Escola de Ciências	25	15,2	13	19,1	38	16,4
Escola de Ciências da Saúde	8	4,9	4	5,9	12	5,2
Escola de Direito	3	1,8	2	2,9	5	2,2
Escola de Economia e Gestão	22	13,4	13	19,1	35	15,1
Escola de Engenharia	75	45,7	13	19,1	88	37,9
Escola de Psicologia	2	1,2	4	5,9	6	2,6
Escola Superior de Enfermagem	1	0,6	1	1,5	2	0,9
Instituto de Ciências Sociais	9	5,5	4	5,9	13	5,6
Instituto de Educação	1	0,6	6	8,8	7	3,0
Instituto de Letras e Ciências Humanas	12	7,4	7	10,3	19	8,1
Total	164	100	68	100	232	100
Não Desportistas						
Escola de Arquitetura	14	2,2	22	2,1	36	2,1
Escola de Ciências	95	14,7	210	19,8	305	17,9
Escola de Ciências da Saúde	25	3,9	63	5,9	88	5,2
Escola de Direito	28	4,3	82	7,7	110	6,4
Escola de Economia e Gestão	91	14,1	156	14,7	247	14,5
Escola de Engenharia	290	45,0	158	14,9	448	26,2
Escola de Psicologia	6	0,9	33	3,1	39	2,3
Escola Superior de Enfermagem	3	0,5	61	5,7	64	3,7
Instituto de Ciências Sociais	43	6,7	61	5,7	104	6,1
Instituto de Educação	5	0,7	97	9,1	102	5,9
Instituto de Letras e Ciências Humanas	45	7,0	120	11,3	165	9,7
Total	645	100	1063	100	1708	100

5.10. Análise da Normalidade das Distribuições

Pelas Tabela 29, observa-se que as variáveis assinaladas com asterisco (*) registam distribuição não-normal ($p<0,05$). Isto significa que aquando do estudo inferencial, sempre que estas variáveis forem utilizadas para análise, recorrer-se-á a procedimentos estatísticos não-

paramétricos. Nas restantes variáveis, com distribuição normal, o estudo inferencial será efetuado por recurso a procedimentos estatísticos paramétricos.

Tabela 29 - Teste de Kolmogorov-Smirnov na análise da normalidade das distribuições nas variáveis quantitativas

	MASCULINO				FEMININO			
	Desportistas		Não-Desportistas		Desportistas		Não-Desportistas	
	<i>Statistics</i>	<i>p</i>	<i>Statistics</i>	<i>p</i>	<i>Statistics</i>	<i>p</i>	<i>Statistics</i>	<i>p</i>
1	0,103	0,004*	–	–	0,108	0,200	–	–
2	0,263	<0,001*	0,206	<0,001*	0,237	<0,001*	0,289	<0,001*
3	0,382	<0,001*	0,306	<0,001*	0,391	<0,001*	0,343	<0,001*
4	0,053	0,200	0,036	0,200	0,105	0,200	0,049	0,036*

1 – Número de minutos de atividade semanal federada

2 – Número de minutos de atividade semanal tempos livres

3 – Idade

4 – Qual foi a nota de candidatura com que acedeu ao curso em que agora se inscreve?

5.11. Teste do Qui-Quadrado

Pela Tabela 30, relativa ao teste do qui-quadrado entre desportistas (homens *versus* mulheres), não-desportistas (homens *versus* mulheres) e o total de desportistas federados *versus* total de não-desportistas, observa-se que um número considerável de variáveis assinaladas com asterisco (*) registam significância estatística ($p < 0,05$), o que significa a dependência dos grupos (i.e., a relação), ou seja, a existência de relação estatística entre o género e a variável em estudo. Nas variáveis não estatisticamente significativas, os grupos são independentes, não se verificando existir relação estatística entre o género e a variável em questão.

Tabela 30 - Teste do qui-quadrado entre desportistas (homens versus mulheres) e entre não-desportistas (homens versus mulheres), bem como o total (desportistas versus não-desportistas) quanto a algumas variáveis em escala qualitativa

	Desportistas		Não-Desportistas		Desp vs Não-Desp	
	χ^2	p	χ^2	p	χ^2	p
- Modalidades desportivas federadas	78,139	<0,001*	—	—	—	—
- N° minutos de atividade física federada	6,139	0,291	—	—	—	—
- Modalidades desportivas federadas já praticadas	15,627	0,671	263,279	<0,001*	90,430	<0,001*
- Modalidades que praticou no desporto escolar	35,591	0,001*	152,616	<0,001*	30,559	0,354
- Modalidades que pratica nos tempos livres	67,943	<0,001*	424,579	<0,001*	216,666	<0,001*
- N° minutos de atividade física nos tempos livres	6,365	0,518	57,458	<0,001*	6,009	0,539
- Modalidades que gostaria de praticar na UM	61,938	<0,001*	418,496	<0,001*	205,846	<0,001*
- Escola de onde provém o curso	27,321	0,002*	248,056	<0,001*	26,317	0,003*
- Distrito de proveniência	9,882	0,251	18,125	0,367	9,298	0,894

* estatisticamente significativo ($p < 0,05$).

5.12. Comparação desportistas federados versus não-desportistas

Pela Tabela 31, referente à comparação entre desportistas versus não-desportistas quanto ao tempo (minutos) de atividade física nos tempos livres, à idade e à nota de candidatura de acesso ao ensino superior, todas estas variáveis em escala ordinal, constata-se que apenas na idade é registada diferença estatisticamente significativa ($Z = -2,967$; $p = 0,003$), motivada pela classificação média (*mean rank*) mais elevada do grupo de não-desportistas, ou seja, por uma posição de cada observação na amostra ordenada mais elevada por parte dos não-desportistas.

Tabela 31 - Mean Rank e teste U Mann-Whitney na comparação entre desportistas com não-desportistas

	Desportistas	Não-Desportistas	U Mann-Whitney	
	Mean Rank	Mean Rank	Z	p
N° minutos de AF nos tempos livres	433,6	453,0	-0,883	0,377
Idade	890,6	981,4	-2,967	0,003*
Nota de candidatura	989,8	964,5	-0,676	0,499

* estatisticamente significativo ($p < 0,05$).

(H1) Existe uma relação de continuidade entre as práticas desportivas anteriores à entrada para o Ensino Superior e os desejos de prática na Universidade do Minho.

Pela Tabela 32, observa-se que quer os homens quer as mulheres, desportistas e não-desportistas, registam diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,001$) entre a prática desportivas anterior e o desejo de prática na Universidade do Minho. Ou seja, há uma relação estatística de dependência, o que significa que, em cada grupo, a frequência observada não se desvia significativamente da frequência esperada. Estes dados confirmam a Hipótese 1.

Tabela 32 - Teste do qui-quadrado entre desportistas versus não-desportistas, de ambos os sexos, quanto aos desejos de prática desportiva na UM

	Homens		Mulheres	
	χ^2	p	χ^2	p
Desportistas	2370,815	<0,001*	738,945	<0,001*
Não-Desportistas	1105,165	<0,001*	599,705	<0,001*

* estatisticamente significativo ($p < 0,05$).

(H2) São os não praticantes desportivos que demonstram maior tendência para iniciar uma atividade desportiva na Universidade do Minho.

Pela Tabela 33, observa-se que os desportistas revelam uma maior tendência de praticar uma atividade desportiva na UM, sendo que a diferença é mais acentuada no género feminino. Assim, estes dados não confirmam a Hipótese 2.

Tabela 33 - Frequência absoluta (n) e relativa (%) de sujeitos da amostra, desportistas e não-desportistas, com intenção de não praticarem e praticarem uma atividade física na UM

	Desportistas			Não-Desportistas		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Nenhuma	27 (16,5%)	9 (13,2%)	36 (15,5%)	184 (28,5%)	465 (43,7%)	649 (38,0%)
Pretende praticar AF na UM	137 (83,5%)	59 (86,8%)	196 (84,5%)	461 (71,5%)	598 (56,3%)	1059 (62,0%)

(H3) Os praticantes desportivos federados obtêm melhor classificação de entrada na Universidade do Minho.

- i) Considerando a variável “nota de candidatura com que acedeu ao curso em que agora se inscreve” como sendo quantitativa.

Pela Tabela 34, observa-se que a comparação entre desportistas com não-desportistas, em ambos os sexos e em relação ao total, quanto à nota de candidatura de acesso ao ensino superior (variável quantitativa), não produziu diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$), motivado pela proximidade dos valores médios. Os grupos são homogéneos na “nota de candidatura”, pelo que não se confirma a Hipótese 3.

Tabela 34 - Média, desvio-padrão e teste t de medidas independentes na comparação desportistas versus não-desportistas, em ambos os géneros, relativamente à nota de candidatura de acesso ao ensino superior

	Desportistas		Não-Desportistas		Teste t de medidas independentes	
	M	DP	M	DP	t	p
Masculino	154,8	17,80	152,5	18,06	-1,498	0,135
Feminino	157,5	16,40	156,0	17,09	-0,734	0,463
TOTAL	155,6	17,40	154,6	17,54	-0,806	0,420

- i) Considerando a variável “nota de candidatura com que acedeu ao curso em que agora se inscreve” como sendo em escala ordinal.

Pela Tabela 35, observa-se que a comparação entre desportistas com não-desportistas, em ambos os sexos e em relação ao total, quanto à nota de candidatura de acesso ao ensino superior (variável em escala ordinal), não produziu diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$), motivado pela proximidade das classificações médias. Os grupos são homogéneos, pelo que não se confirma a Hipótese 3.

Tabela 35 - Mean Rank (classificação média) e teste U Mann-Whitney na comparação desportistas versus não-desportistas, em ambos os géneros, relativamente à nota de candidatura de acesso ao ensino superior

	Desportistas	Não-Desportistas	Teste U Mann-Whitney	
	Mean Rank	Mean Rank	Z	p
Masculino	425,99	397,21	-1,478	0,139
Feminino	582,57	563,87	-0,482	0,630
TOTAL	989,75	964,50	-0,676	0,499

(H4) Existem diferenças na classificação de entrada na Universidade do Minho e o tempo dedicado semanalmente à prática desportiva federada (desportistas) e à atividade física nos tempos livres (não-desportistas).

. a amostra de desportistas contém apenas 2 sujeitos com um tempo de treino semanal inferior a 180 minutos e apenas 1 sujeito com tempo de treino semanal superior a 420 minutos, todos do género masculino, foram retirados para análise da Hipótese 4.

. a amostra de não-desportistas contém apenas 4 sujeitos com um tempo de prática de atividade física semanal de 121-150 minutos e apenas 1 sujeito com mais de 240 minutos, todos do género feminino, foram eliminados para análise da Hipótese 4.

Pela tabela 36, referente à comparação simultânea, dentro de cada género e no total da amostra, relativamente à nota de candidatura ao ensino superior dos sujeitos desportistas (federados) em função do tempo de treino semanal, observa-se que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$), o que mostra a homogeneidade da amostra de desportistas quanto à nota de candidatura. Estes dados sugerem a não influência do tempo de treino na classificação escolar, pelo que no que respeita aos desportistas a Hipótese 4 não é confirmada.

Pela Tabela 37, referente à comparação simultânea, dentro de cada género e no total da amostra, relativamente à nota de candidatura ao ensino superior dos sujeitos não-desportistas, em função do tempo de prática semanal de atividade física, observa-se que não existem diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$), nos sujeitos do sexo feminino ($F=0,595$; $p=0,703$), mas que se verificam diferenças estatisticamente significativas na amostra de sujeitos do sexo masculino ($F=2,388$; $p=0,021$) e no total da amostra ($F=2,157$; $p=0,036$).

Pelo *post-hoc* de Bonferroni, constata-se que no género masculino, as diferenças, marginalmente significativas, ocorrem entre “<60 minutos” *versus* “151-180 minutos” ($p=0,085$) e entre “<60 minutos” *versus* “211-240 minutos” ($p=0,10$), pelos valores médios mais elevados dos sujeitos com mais tempo de atividade física semanal. Estes dados, referentes aos não-desportistas, confirmam parcialmente a Hipótese 4.

Tabela 36 - Média, desvio-padrão, valores mínimo e máximo da nota de candidatura de acesso ao ensino superior, e one-way ANOVA na comparação entre tempo dedicado ao treino desportivo semanal, em ambos os géneros e no total da amostra, no grupo de desportistas

	180-240		241-300		301-360		361-420		one-way ANOVA	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	F	p
Masculino	149,8 (124-188) (n=13)	18,16	153,2 (123-189) (n=47)	17,92	154,1 (115-182) (n=74)	16,65	161,7 (112-191) (n=25)	19,84	1,769	0,155
Feminino	159,5 (146-181) (n=10)	12,69	154,3 (134-173) (n=16)	14,20	160,3 (133-194) (n=26)	17,87	155,1 (116-191) (n=16)	18,37	0,596	0,620
TOTAL	154,0 (124-188) (n=23)	16,43	153,5 (123-189) (n=63)	16,95	155,7 (115-194) (n=100)	17,10	159,1 (112-191) (n=41)	19,32	0,931	0,427

Tabela 37 - Média, desvio-padrão, valores mínimo e máximo da nota de candidatura de acesso ao ensino superior, e one-way ANOVA na comparação entre tempo dedicado ao treino desportivo semanal, em ambos os géneros e no total da amostra, no grupo de não-desportistas

	≤60		61-90		91-120		121-150		151-180		181-210		211-240		>240		one-way ANOVA	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	F	p
Masculino	145,7 (104-173) (n=63)	14,70	150,4 (115-195) (n=92)	17,1 8	151,7 (95-193) (n=82)	19,84	154,6 (132-177) (n=11)	13,3 4	154,8 (108-193) (n=67)	18,56	149,5 (125-182) (n=33)	16, 19	158,9 (120-185) (n=19)	15,7 8	160,3 (137-176) (n=10)	12,1 8	2,388	0,021*
Feminino	155,0 (119-183) (n=21)	15,96	155,7 (104-195) (n=90)	18,8 4	157,1 (102-194) (n=148)	18,82	— —	— —	158,5 (120-190) (n=66)	16,78	159,0 (137-183) (n=15)	13, 78	150,7 (112-185) (n=15)	22,5 8	— —	— —	0,595	0,703
TOTAL	148,0 (104-183) (n=84)	15,46	153,0 (104-195) (n=182)	18,1 7	155,2 (95-194) (n=230)	19,32	153,9 (132-177) (n=15)	11,9 7	156,6 (108-193) (n=133)	17,73	152,4 (125-183) (n=48)	15, 97	155,3 (112-185) (n=34)	19,2 2	159,1 (137-176) (n=11)	12,2 3	2,157	0,036*

* diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

6. Discussão dos resultados

Após apresentação dos resultados do estudo, iremos passar à análise dos mesmos, comparando-os com os dados relativos a outros estudos. No entanto, a discussão fica limitada pela ausência de estudos académicos e dados estatísticos disponíveis, nomeadamente com a população em causa, estudantes universitários no início deste ciclo de estudos.

6.1. Prática desportiva federada atual

Os resultados observados no nosso estudo mostram-nos que a participação desportiva de âmbito federado é superior quando comparamos com os estudos realizados no âmbito da participação desportiva nacional e com dados estatísticos publicados pelo sector governamental responsável pela administração pública desportiva. Desta forma, temos no nosso estudo uma participação desportiva federada de 12% (23% para género masculino e 6% para o género feminino), valor superior aos estudos realizados por Marivoet (2001)⁴⁸, onde em 1988 apenas 3% da população portuguesa entre os 15 e os 60 anos praticava desporto federado, subindo para 5% em 1998. O Instituto de Desporto de Portugal (IDP) (2011)⁴⁹ identifica no ano de 2009 a existência de 512.558 atletas federados, 7,3% da população nacional, sendo que 11,7% são do género masculino e 3,3% do género feminino.

Existe no entanto uma associação positiva entre as modalidades mais praticadas no âmbito do Desporto Federado pela população em estudo, quês masculina e feminina, que se direciona em ambos os casos para o Futebol e Futsal. As restantes modalidades mais praticadas no estudo em causa são o Basquetebol, Andebol, Ténis e Karaté. As modalidades desportivas com maior número de atletas inscritos em Federações Desportivas, segundo os dados mais recentes do IDP, são o Futebol (Federação Portuguesa de Futebol: Futebol e Futsal, 144.106 praticantes) a grande distância das restantes e que são o Campismo e Montanhismo (40.492), Basquetebol (40.250), Voleibol (40.090), Andebol (37.562) e Ténis (25.550). Das principais 5 modalidades mais procuradas de desporto federado no âmbito da Universidade do Minho e nas federações

⁴⁸ Marivoet, S., (2001), *Práticas Desportivas na Sociedade Portuguesa, (1988-1998)*, Atas do IV Congresso Português de Sociologia, Sociedade Portuguesa, Passados, recentes e Futuros Próximos, Lisboa

⁴⁹ Instituto de Desporto de Portugal, (2011), *Estatísticas do Desporto de 1996 a 2009*, Ed. Instituto de Desporto de Portugal, Lisboa.

desportivas, apenas o Karaté e o Montanhismo/Campismo não é coincidente, tendo esta última muitas licenças federativas que decorrem da obrigatoriedade de inscrição na Federação para obtenção de registo/carta de campista.

No âmbito dos estudos realizados com estudantes do ensino superior, Botelho (2002)⁵⁰ identifica como modalidades mais praticadas na Universidade de Lisboa o Futebol, o Basquetebol e Desportos de Combate nos indivíduos do género masculino e o Basquetebol, Voleibol e Natação no género feminino, mostrando uma associação moderadamente positiva com o nosso estudo, já que as modalidades mais praticadas nos homens são o Futebol, o Futsal, o Andebol e o Basquetebol, sendo nas mulheres, o Futsal, o Voleibol e o Basquetebol, seguido da Natação.

De notar o facto de todos os estudos indicarem sempre uma percentagem mais elevada de praticantes desportivos federados nos indivíduos do género masculino.

6.2. Tempo de atividade semanal para os atletas federados

No que se refere ao número de minutos de prática desportiva federada semanal, observa-se neste estudo, em ambos os géneros, que a maior parte dos sujeitos realiza entre “301-360 minutos” (5 a 6 horas) de prática semanal. Este facto sugere-nos uma associação moderadamente positiva com os valores encontrados para a população portuguesa no estudo do IHDPP em 1998, onde é referenciado o tempo de prática semanal como “intensidade de prática desportiva” e que regista um valor médio de 7h semanais para os portugueses praticantes de desporto federado.

De referir ainda o facto que para todos os intervalos de tempo considerados, o Futebol ser a modalidade que regista mais frequências no género masculino, enquanto no género feminino os registos mais frequentes vão para o Futsal, Basquetebol, Voleibol e Natação.

6.3. Modalidade federada já praticada

Detetamos, mais uma vez uma associação positiva entre o estudo de Botello (2002) que indica como modalidades mais praticadas anteriormente no âmbito federado o Futebol, o Basquetebol,

⁵⁰ Botello, M., (2002), *Hábitos e Preferências Desportivas dos Estudantes da Universidade de Lisboa*, Publicação do Gabinete de Desporto da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

e os Desportos de Combate para o grupo do homens e a Natação, Ginástica, Basquetebol e Voleibol nas mulheres. No nosso trabalho as modalidades com mais prática anterior federada são o Futebol, Natação, Andebol, Basquetebol e Karaté nos homens e a Natação, Voleibol, Basquetebol, Futsal e Futebol nas mulheres.

No nosso estudo, pelo menos 516 indivíduos praticaram 1 modalidade desportiva, 86 praticaram 2 modalidades e 12 praticaram 3 modalidades distintas, um valor a considerar já que representa 31% dos estudantes que tiveram uma experiência como atletas praticantes federados.

6.4. Modalidade desportiva praticada no desporto escolar

A prática de desporto escolar anterior à entrada para a Universidade do Minho, em pelo menos uma modalidade desportiva, regista 692 indivíduos, dos quais 317 pertencem ao género masculino e 375 ao género feminino. Estes valores são significativos já que representam 39% e 33% no universo dos homens e mulheres, respetivamente. As preferências anteriores neste âmbito vão para o Futsal, Andebol, Basquetebol, Voleibol e Atletismo para o género masculino e Voleibol, Futsal, Natação, Basquetebol e Atletismo para o género feminino. No estudo realizado na Universidade de Lisboa em 2002, para o género masculino, temos com maiores frequências o Basquetebol, Andebol, Voleibol, Atletismo e Futsal, sendo no género feminino o Basquetebol, o Andebol, o Voleibol, a Ginástica e o Atletismo. Existe uma associação bastante positiva entre estes estudos, os quais poderão indicar de certa forma o facto do programa de desporto escolar ser de âmbito nacional e de oferta muito semelhante.

No estudo do IHDPP de 1998, são identificadas como práticas com maior registo o Futebol, Basquetebol, Ginástica, Voleibol e Andebol.

6.5. Modalidade desportiva praticada nos tempos livres

Dos 898 indivíduos que praticam desporto nos tempos livres (46,2% dos estudantes questionados), 666 fazem-no fora do contexto do desporto federado, ou seja, 34,3% do universo dos estudantes (41% do universo do género masculino e 29,6% do universo do género feminino). Sarmiento & Parente (1993), num estudo realizado com estudantes da Universidade do Porto, identificam que 49,9% dos estudantes tiveram prática recreativa anterior à entrada para a

Universidade, sendo 44,7% para o universo dos homens e 25,3% para o universo das mulheres, o que mostra uma associação positiva entre estes estudos.

Existe uma associação moderadamente positiva em relação às práticas desportivas encontradas nos estudantes questionados neste trabalho com as encontradas no estudo de Botello para a Universidade de Lisboa em 2002, já que para o género masculino aparecem como atividades mais praticadas e coincidentes nas 5 mais praticadas o Futebol, Futsal, Musculação e Natação e para o género feminino, também nas 5 mais praticadas, a Natação e a Musculação.

No âmbito dos estudos para a população portuguesa no IHDPP de 1998, as modalidades mais praticadas pela população em geral no âmbito do lazer eram o Futebol, a Natação, o Atletismo, as Atividades de Manutenção e o Ciclismo.

6.6. Tempo de atividade física semanal nos tempos livres

Os dados recolhidos neste trabalho mostram uma grande dispersão em termos de tempo de ocupação com a atividade desportiva nos tempos livres para a população. Apenas 2,7% dos estudantes que praticam atividade física ou recreativa o fazem acima dos 210 minutos semanais, ou seja, dentro do que são os valores recomendados pelas organizações internacionais que se dedicam a estas áreas de estudo, como por exemplo a *American College of Sports Medicine*. Em 1998 os portugueses ocupavam em média, com a atividade recreativa, 3h30m semanalmente, não havendo uma associação positiva com os dados encontrados do nosso estudo, sabendo que a média de prática semanal é de aproximadamente 2h (129 minutos).

6.7. Modalidade desportiva que gostaria de praticar na Universidade do Minho

As modalidades desportivas mais pretendidas na Universidade do Minho para os novos estudantes são o Futebol, Futsal, Musculação, Basquetebol, Andebol, Natação e o Ténis para os homens e o Voleibol, Natação, Musculação, Futsal, Basquetebol, Danças Modernas e o Andebol para as mulheres, o que sugere uma associação positiva com o estudo da Universidade de

Lisboa (Botello, 2002)⁵¹. As preferências dos estudantes da Universidade de Lisboa vão para a Natação, Futsal, Futebol, Musculação, Basquetebol e Ténis nos homens e Natação, Aeróbica, Dança, Voleibol, Basquetebol, e Futsal nas mulheres. Os dados do IHDPP de 1998 das preferências da população portuguesa, indicam como modalidades pretendidas e de procura não satisfeita, a Natação, a Ginástica, as Danças Gímnicas, o Futebol e as Atividades de Manutenção.

6.8. Classificação de acesso ao ensino superior

Dos vários autores estudados, entre os quais, Kuh *et al.* (1994), Simons, Rheenen e Covington (1999), Almeida *et al.* (2000), referenciam-se sempre a uma associação positiva entre a prática desportiva e o sucesso escolar, nomeadamente ao nível da persistência nas tarefas académica, autodisciplina, concentração, integração académica e social. Segundo estes, a atividade desportiva não impede os estudantes de obterem bons resultados nos estudos e um bom desempenho académico global.

No nosso estudo, as análises realizadas permitem-nos também avaliar que a prática desportiva não influencia diretamente o rendimento académico de forma negativa. Na comparação entre desportistas com não-desportistas, em ambos os géneros, existe uma proximidade dos valores médios. Também em relação ao curso em que o estudante se inscreve, os grupos são homogéneos havendo proximidade nas classificações médias.

⁵¹ Botello, M. (2002). *Hábitos e Preferências Desportivas dos Estudantes da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Gabinete de Desporto da Universidade de Lisboa.

7. Conclusões

Os resultados obtidos no presente estudo sugerem que existe uma associação positiva e relação de continuidade entre as práticas desportivas anteriores à entrada para o Ensino Superior e o desejo de prática na Universidade do Minho. Este facto permite-nos afirmar que o sucesso dos programas desportivos no âmbito dos Estabelecimentos de Ensino Superior será tanto maior quanto mais rica for a experiência anterior no âmbito da atividade física e do desporto.

São os desportistas federados que demonstram maior tendência para continuar a desenvolver prática desportiva na Universidade do Minho. Este conhecimento permite de certa forma ajudar a estruturar a oferta de programas de competição desportiva no ensino superior de uma forma mais precisa.

Não existe diferenças estatisticamente significativas entre praticantes desportivos federados, praticantes de actividade física e não desportistas na classificação de entrada na Universidade, o nos que permite afirmar que a prática desportiva não é um fator impeditivo de obter as classificações necessárias para entrar no Ensino Superior.

Não existe influência do tempo dedicado à atividade física e desportiva na classificação escolar para os estudantes do género feminino, no entanto, verificam-se diferenças estatisticamente significativas quanto ao número de sujeitos do género masculino da amostra. Estas diferenças, marginalmente significativas, ocorrem entre “<60 minutos” versus “151-180 minutos” ($p=0,085$) e entre “<60 minutos” versus “211-240 minutos”, pelos classificações escolares mais elevadas dos sujeitos com mais tempo de atividade física semanal.

8. Limitações

O presente estudo apresenta algumas limitações, as quais devem ser consideradas. O desenvolvimento transversal efetuado não admite aplicar relações de causa efeito. Permite no entanto, sugerir hipóteses de investigação para trabalhos futuros. Este estudo foi aplicado no âmbito da Universidade do Minho, logo os resultados dizem respeito unicamente a este estabelecimento de ensino superior.

O facto da existência de poucos trabalhos realizados neste âmbito a nível nacional com estudantes do ensino superior em outras instituições e particularmente com alunos em fase de transição do ensino secundário para o ensino superior, não nos permite uma comparação direta com outros casos, o que seria muito útil numa avaliação e comparação de públicos, levando a uma melhor intervenção, por exemplo, no âmbito da definição de políticas públicas e orientações estratégicas para a oferta de serviços e atividades desportivas no âmbito dos estabelecimentos de ensino superior.

Outro problema que deparamos em termos de dados e fontes sobre a participação desportiva nacional, é o facto dos estudos com dados comparáveis serem bastante antigos, sendo os últimos de 1998, já que os mais recentes e efetuados pela Comissão Europeia no âmbito do Eurobarómetro dos anos de 2004 e 2009, apenas referem dados de âmbito geral de prática/não prática, opiniões e atitudes face à atividade física e desporto.

No entanto, este estudo abre um campo de investigação na área da procura desportiva por parte dos alunos do ensino secundário que chegam ao ensino superior e à sua integração com a área académica, nomeadamente no seguimento deste público e a influência da prática desportiva no sucesso escolar e criação de competências associadas.

Será de todo interessante seguir estes alunos e avaliar o nível de abandono da prática e/ou adesão à atividade desportiva na Universidade do Minho, com que frequência, nível de prática, intensidade e relacionar ainda estes dados com a integração e sucesso académico.

Esta avaliação permitirá, ainda, adequar de forma mais eficiente e eficaz a oferta dos serviços desportivos da Universidade do Minho e um melhor cumprimento da missão e política da própria instituição.

Referências bibliográficas

- Afonso, A., Fernandes, A. P., Gomes, C., Soares, D., & Fonseca, A. M. (1995). Estudo exploratório sobre os motivos que levam as pessoas a praticar Aeróbica. In A. M. Fonseca (Ed.), *A FCDEF e a Psicologia do Desporto: Estudos sobre a motivação*. Porto: FCDEF-UP
- Almeida, L. S., Soares, A. P., Vasconcelos, R. M., Capela, J. B., Corais, J. M. & Fernandes, A. (2000). *Envolvimento extracurricular e ajustamento académico: Um estudo sobre as vivências dos estudantes universitários com e sem funções associativas*, in Soares, A. P., Osório, A., J. V. Capela, L. S. Almeida, R. M. Vasconcelos, & S. M. Caires (Eds.), *Transição para o ensino superior*. Braga: Universidade do Minho – Conselho Académico.
- American College of Sports Medicine (2005). *ACSM's Resource Manual for Guidelines for Exercise Testing and Prescription* (5a ed.). Lippincott Williams & Wilkins
- Berger, B., Pargman, D., & Weinberg, R. (2002). *Foundations of exercise Psychology*. Morgantown: Fitness Information Technology, Inc.
- Botello, M. (2002). *Hábitos e Preferências Desportivas dos Estudantes da Universidade de Lisboa*. Lisboa: Gabinete de Desporto da Universidade de Lisboa.
- Bueno, M. (2002). Psicologia del ejercicio y Bienestar. In S. Serpa & D. Araújo (Eds.), *Psicologia do desporto e Exercício; Compreensão e aplicações*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana & Sociedade Portuguesa de Psicologia do Desporto.
- Campana, R. (2004). Education through University Sport. *Proceedings of the FISU Forum*. Lisbon, Portugal
- Capela, J. V., Almeida, L. S., Vasconcelos, R. M., Caires, S. M. (2000). *Transição para o ensino superior*. Braga: Conselho Académico da Universidade do Minho.
- Carvalho, G., (2001). *Desporto Universitário – Análise dos serviços desportivos de seis universidades públicas de Portugal e do Brasil*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Centro de Estudos e Formação Desportiva (1998). *Inquérito aos Hábitos Desportivos da População Portuguesa*. Lisboa: Secretaria de Estado do Desporto.

- Centro Universitário Sportivo Italiano (1994). *Proceedings of the FISU Fórum*, Catania, Acireale, Italy
- Claeys, U., Hertogen, J., Mercy, M. (1987). *Recintos Desportivos Cobertos na Flandres: Situação e Procura*. Col. Antologia Desportiva nº 1. Lisboa: MEC/DGD
- Comissão Europeia (2004). *The citizens of European Union and Sport*, Special Eurobarometer 213/Wave 62.0 - TNS Opinion & Social. Acedido em 20 de Setembro, 2011, de http://ec.europa.eu/index_pt.htm.
- Comissão Europeia (2010). *Sports and Physical Activity*, Special Eurobarometer 334/Wave 72.3 - TNS Opinion & Social. Acedido em 20 de Setembro, 2011, de http://ec.europa.eu/index_pt.htm.
- Conselho da Europa (1990). *O Conselho da Europa e o Desporto para Todos*, Desporto e Sociedade, nº 7.
- Conselho da Europa (1977). CCC/DC (77) 11 – F.
- Conselho da Europa (1979). CDDS (78) 19 – E.
- Consejo Superior de Deportes (1996). *Fisu Fórum, Summary of the Proceedings*, Madrid, Espanha.
- Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (1997). *O Desporto na Universidade, Por um novo conceito de desporto na Universidade*, Acedido em 20 de Dezembro, 2008, Web site: www.crup.pt/.
- Cunha, L. (1996). *O Espaço, o Desporto e o Desenvolvimento*. Lisboa: FMH-UTL
- Curado, J. (1996). *Reforma do Sistema Desportivo*. Acedido em 20 de Dezembro, 2007, de <http://www.congressododesporto.gov.pt/index2.htm>
- Cyprus University Sports Federation (1992). *Proceedings of the FISU Fórum*, Paralimni, Chipre,
- Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (2010). Estatísticas do Desporto Escolar, acedido em 20 de Setembro, de 2011, de <http://www.desportoescolar.min-edu.pt/estatisticas/aspx>,
- Direcção Geral dos Desportos (1991). *Carta de Procura da Prática Desportiva*. Lisboa: Ministério da Educação
- Druker, P. (2001). *O Melhor de Peter Druker*, São Paulo: Nobel.

- Federação Académica do Porto (1992). *1º Curso de Formação de Dirigentes Desportivos Associativos*, Porto, Portugal.
- Federação Internacional de Desporto Universitário (1993). Change and the Human Dimension of Physical Activity. *Proceedings of the FISU Conference*, Buffalo, USA.
- Federação Internacional de Desporto Universitário (1995). Sports and Men: Creating a New Vision. *Proceedings of the FISU Conference*, Fukuoka, Japan.
- Federação Internacional de Desporto Universitário (1997). *Proceedings of the FISU Conference*, Sicily, Italy.
- Federação Internacional de Desporto Universitário (2001). Unity, Friendship and Progress of Humanity through University Sport. *Proceedings of the FISU Conference*, Beijing, China.
- Federação Internacional de Desporto Universitário (2003) *Facing the Challenge, Proceedings of the FISU Conference*, Daegu, Korea.
- Federação Internacional de Desporto Universitário (2007). *University Sport: Sport Create Man, Man Develops Nationhood's, Proceedings of the FISU Conference*, Bangkok, Thailand.
- Fernandes, F. (1999). *Análise SWOT, um instrumento de definição estratégica ao serviço das Organizações Desportivas*, Painel Desportivo, Ano 3, n.º 10; Funchal: Deodato Rodrigues.
- Fleck, L. (2008). *Estratégias do Desporto Universitário: Um Estudo de Caso sobre o Desporto em Universidades Portuguesas*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, Portugal.
- Földesi, S. G. (1993). The Transformation of Sport in Eastern Europe: The Hungarian Case. *Journal of Comparative Physical Education and Sport*. 15(1), 5-21.
- Frederick, M., & Ryan, M. (1993). Differences in motivation for sport and exercise and their relations with participation and mental health. *Journal of Sport Behavior*, 16, 124-146
- Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (2010). *Perfil do Aluno 2008/2009*. Acedido em 20 de Setembro, de 2011, de <http://www.gepe.min-edu.pt>.
- Galien, J. (2004). Education through University Sport. *Proceedings of the FISU Forum*, Lisbon, 37-46
- Gómez, R. (2004). *Estudio Sobre los Modelos de Deporte Universitario de los Estados Unidos, Canadá y Australia*. Madrid: Universidade de Alicante.

- Instituto de Desporto de Portugal (2011). *Estatísticas do Desporto de 1996_2009*. Lisboa: Instituto de Desporto de Portugal.
- Kuh, G. D. (1999). *Setting the bar high to promote student learning*, in G. S. Bliming, E. J. Whitt, & Associates (Eds.), *Good practice in student affairs: Principles to foster student learning*, (pp. 67-89), San Francisco: Jossey-Bass.
- Lamartine, C. (1986). *Atividades de Lazer e de Desporto Para Todos em Abordagens de Rede e de Baixo Custo*, Desporto e Sociedade, n° 28.
- Lambert, C. (2003). *Audit of Sports Provision in the Higher Education Sector*. London, Sport England, TNS, Social Research Holdbrooke House.
- Lassime, C. (1986). Metodologia de reflexão sobre o conhecimento das necessidades a fim de as satisfazer de maneira racional. *Desporto e Sociedade*. 5,17-24.
- Marivoet, S. (1994). Hábitos Desportivos: Valores socioculturais em mudança. *Atas do Congresso Mundial de Lazer*, Lisboa: Edições ICS da UL.
- Marivoet, S. (1995). Hábitos Desportivos na Sociedade Portuguesa, *Revista Ludens*, 13 (3-4), 84-91.
- Marivoet, S. (1998). *Aspectos Sociológicos do Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marivoet, S., Malveiro, O. (1999). *As Relações entre o Estado e O Movimento Associativo em Portugal (1984-1999)*, *Revista Horizonte*, 15(89), 25-32.
- Marivoet, S. (2001). Práticas Desportivas na Sociedade Portuguesa (1988-1998), *Atas do IV Congresso Português de Sociologia, Sociedade Portuguesa, Passados, recentes e Futuros Próximos*, Lisboa.
- Marivoet, S. (2001). *Hábitos Desportivos da População Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos de Desporto.
- Moutão, J., Alves, J., & Silva, C. (2003). Motivos para a prática de exercício. In A. Seabra, D. Castela, F. Romero, J. Moutão, N. Pimenta, R. Santos-Rocha, & S. Franco (Eds.) *Investigação em Exercício e Saúde (CD Rom)*. Rio Maior: ESDRAM-IP
- Nascimento, J. (1991, Março). Desporto Universitário Qual o Futuro?. *Revista Noticias SS UTL*. 21, 15-17.

- Novais, M., Fonseca, J. (1994). O que leva as pessoas à atividade física em Health Clubs. In A. M. Fonseca (Ed.), *A FCDEF e a Psicologia do Desporto: Estudos sobre a motivação* (pp 45-49). Porto: FCDEF:UP
- Osório, A. (2007). *A Acção Social no Ensino Superior e seu enquadramento na 1/2003, de 6 de Janeiro*, acessado em 20 de Dezembro, 2007, de www.aeiscal.pt/index.php/documentos/doc_download/5-accao-socia/.
- Quiroga, S. (2001). *Estudiantes, Universidad y Deporte*. San Luis: Centro de Estudios Olímpicos José B. Zubiaur.
- Quivy, R.; Campenhoud, L.. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (João Minhoto Marques & Maria Amélia Mendes Trad.). Lisboa: Gradiva.
- Pierón, M. (1998). Atividade Física e Saúde: um desafio para os profissionais de educação física. In Omniserviços & Sociedade portuguesa de Educação Física (Eds.), *Educação para a Saúde – O Papel da Educação Física na promoção de Estilos de Vida Saudáveis* (pp. 39-80). Lisboa: Omniserviços
- Pires, G. (1990). *Relatório sobre a disciplina de Desenvolvimento do Desporto*. Lisboa: UTL-FMH
- Pires, G. (1995). *Desporto Universitário a Organização do Futuro*. In: I^{as} Jornadas sobre Desporto Universitário. Porto: Federação Académica do Porto - Comissão Executiva do Desporto.
- Pires, G. (1995). Mudança Social e Gestão do Desporto. *Revista Ludens*, 15 (4), 21-63.
- Pires, G. (2003). *Gestão do Desporto – Desenvolvimento Organizacional*. Porto: APOGESD,
- Remans, A. (1986). *A planificação da infra-estrutura desportiva em período de recessão económica, Desporto e Sociedade*. 5, 9-15.
- Renfro, W. (2007). O Desporto Universitário nos Estados Unidos: Acrescentar Valor à Experiência do Ensino Superior. *Workshop perspectivas para o desporto universitário na europa e gestão de infraestruturas desportivas*. Lisboa: Ed. Estádio Universitário de Lisboa.
- Renson, R. (1999). *Social Sports Stratification*. Leuven: Katholieke Universiteit
- Roche, P., Gil, H. (1996). *El deporte en las universidades españolas*. Madrid: Unidad.
- Rocha, A. (1974). *Reflexões sobre Desporto Universitário*. Lisboa: Direcção Geral da Educação Física e Desportos.
- Rocha, A. (2002). *Memória*. Lisboa: Federação Académica do Desporto Universitário

- Secretaria de Estado do Desporto (1998). *IHDPP - Inquérito aos Hábitos Desportivos da População Portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Santos, L. (2001). *Adaptação Académica e Rendimento Escolar: Estudo com alunos universitários do 1º ano*. Braga: Grupo de Missão para a Qualidade de Ensino Aprendizagem da Universidade do Minho.
- Sarmento, P. (2002). *Desporto Universitário?*. Porto: Associação de Estudantes da FCDEF-UP.
- Sarmento, J. P., & Parente, F. (1993). Sporting Habits of Oporto University Students. *Proceedings of the FISU Conference*, Buffalo, USA.
- Secretariado Nacional do Desporto Universitário (1978). *Plano Estratégico*, Porto: Centro Desportivo Universitário do Porto.
- Serra, M. (1999). *O Desporto no Ensino Superior: Qualidade, Autonomia e Desenvolvimento*, IV Fórum FADU, Vila Real.
- Serviços de Acção Social da Universidade do Minho (2010), *Regulamento Orgânico dos SASUM Despacho RT-46/2009*, acessado em 20 de Julho, 2011, de <http://www.sas.uminho.pt>.
- Serviços de Acção Social da Universidade do Minho (2011). Relatório de atividade e contas do ano económico 2010, acessado em 20 de Julho, 2011, de <http://www.sas.uminho.pt>.
- Simons, H., Rheenen, V., Covington, V. (1999). Academic motivation and the student athlete, *Journal of College Student Development*, 40(2), 151-162
- Sousa, J. (1998). *Contributos para o Estudo do Associativismo Desportivo em Portugal*, Instituto Superior de Educação Física da Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa
- Universidad de Valladolid (2005). *Estudio Sobre los Modelos de Deporte Universitario en Europa*, Madrid: Consejo Superior de Deportes.
- Weinberg, R., & Gould, D. (2001). *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício* (M. C. Monteiro, Trad) (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.

ANEXOS

ANEXOS I – Questionário



Campus de Gualtar
4710-057 Braga – P

Universidade do Minho
Serviços de Ação Social

Departamento de Desportivo e Cultural

Oferta e Procura Desportiva - Questionário aos Novos Alunos da Universidade do Minho 2010/2011

Nome:												
Aluno n.º:				Curso:								
Sexo:	M		F	Idade:			Telefone:			e-mail:		
Distrito					Concelho:							
Escola Secundária:												
Entrou para o curso que escolheu como primeira Opção:				Sim			Não			Média de Entrada:		
Entrou para a Universidade do Minho como primeira Opção				Sim			Não					

Nota: Deve assinalar com um (x) nos espaços correspondentes às modalidades de acordo com os parâmetros referidos na legenda

Atividades Desportivas	1.1.	1.2.	1.3.	2.1.	3.1.	3.2.	4.1.	4.2
Aeróbica/Outras Atividades de Ritmo								
Andebol								
Atletismo/Corrida/Marcha								
Badminton								
Basquetebol								
Canoagem								
Ciclismo/Bicicleta								
Corfebol								
Dança Desportiva								
Desportos Motorizados								
Desportos de Aventura								
Desportos Combate Artes Marciais								
Desportos Náuticos								
Equitação								
Esgrima								
Futsal								
Futebol								
Ginástica/Trampolins								
Golfe								
Judo								
Musculação/ Cardio Fitness								
Natação								
Orientação								
Pólo Aquático								
Remo								
Rugby								
Squash								
Ténis								
Ténis de Mesa								
Triatlo								
Tiro/Tiro com Arco								
Vela								
Voleibol								
Xadrez								
Outros								
Nenhuma								

Legenda
Desporto Federado
1.1. Modalidade que Pratica Desporto Federado;
1.2. Número de minutos de atividade semanal destinada a essa(s) práticas;
1.3. Modalidade que já praticou Desporto Federado;
Desporto Escolar
2.1. Modalidade que já praticou Desporto Escolar;
Desporto Recreativo
3.1. Modalidade que pratica atualmente como Recreação/Tempos Livres e que gostaria de continuar a praticar na Universidade;
3.2. Número de minutos de atividade semanal destinada a essa(s) práticas;
Desporto na Universidade
4.1. Modalidade Desportiva que gostaria de Praticar na Universidade enquanto competição.
4.2. Modalidade desportiva que gostaria de Praticar na Universidade enquanto Recreação/Tempos Livres.